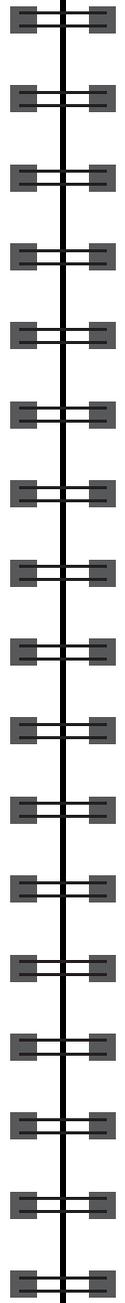


ESPAÇO**CORES**



ESPAÇO CORES

ESPAÇO DE CONVÍVIO E REINTEGRAÇÃO SOCIAL

SUMÁRIO

tema de projeto	11	materiais:	49
espaço de convívio e reintegração social	11	diretrizes projetuais	54
tipos de tratamentos	12	existência de pátios internos	54
o que é dependência química?	12	preservação da orla do lago	56
um testemunho sobre as drogas...	13	incentivo à arte	56
política nacional sobre drogas	15	microplano diretor de ocupação	57
conceito presente no projeto	17	programa de necessidades	58
um breve histórico...	17	demanda	58
o lugar	20	rdc nº 29 – jun/2011	58
mas por que a orla do lago?	20	programa	59
o terreno	22	fontes	61
estudos de caso	32	referências bibliográficas	63
creche benetton, alberto campo baeza, 2006	32		
a igreja sobre a água, yufutsu, hokkaido, tadao ando, 1988.	35		
referências arquitetônicas	40		
arquitetura e natureza:	40		
parque barigui, curitiba, brasil, lubomir ficinski.	43		
arquitetura e forma:	46		

LISTA DE FIGURAS

Figura 01. Bryan Lewis sob efeito de: xanax, cogumelos, maconha, morfina, respectivamente. Disponível em < http://bryanlewisanders.org/ > acesso em 02 outubro 2013	14	< http://www.lugaresesquecidos.com.br/ > acesso em 10 setembro 2013	22	Figura 16. Marcação inicial do terreno e indicação dos dois acessos existentes. (A=51960m ²) Disponível em < http://maps.google.com.br/ > acesso em 29 setembro 2013 e acervo pessoal	29
Figura 02. Bryan Lewis sob efeito de: cocaína, PCP, coquetel de remédios e crystalmeth, respectivamente. Disponível em < http://bryanlewisanders.org/ > acesso em 02 outubro 2013	14	Figura 09. Localização do terreno. Setor de Clubes Norte, próximo ao Centro Olímpico da UnB. Disponível em < http://maps.google.com.br/ > acesso em 29 setembro 2013	23	Figura 17. Incidência solar no terreno. Inclinação de 35° em relação ao Norte. Cartas solares obtidas através do programa SOL-AR	29
Figura 03. Bryan Lewis sob efeito de: valium (primeira e segunda gravura), ambien e percocet, respectivamente. Disponível em < http://bryanlewisanders.org/ > acesso em 02 outubro 2013	14	Figura 10. Poligonal do Parque Urbano Enseada Norte determinada pelo IBRAM. Disponível em < http://www.ibram.df.gov.br/ > acesso em 27 setembro 2013	24	Figura 18. Croqui unindo as vias existentes. Acervo pessoal	29
Figura 04. Bryan Lewis sem utilizar droga alguma. Disponível em < http://bryanlewisanders.org/ > acesso em 02 outubro 2013	14	Figura 11. Ruínas da antiga escola de guerra da Marinha. Disponível em < http://www.lugaresesquecidos.com.br/ > acesso em 10 setembro 2013	24	Figura 19. Projeto de Márcio Villas Boas para o Centro Olímpico da Universidade de Brasília. Disponível em < http://unb.br > acesso em 17 novembro 2013	30
Figura 05. Bryan Lewis dando palestra. Disponível em < http://bryanlewisanders.org/ > acesso em 02 outubro 2013	14	Figura 12. Marcas do abandono. Disponível em < http://www.lugaresesquecidos.com.br/ > acesso em 10 setembro 2013	24	Figura 20. Perspectiva do projeto para o CO. Disponível em < http://unb.br > acesso em 17 novembro 2013	30
Figura 06. Margens do Lago Paranoá. O convívio com o bucólico e o horizonte. Disponível em < http://flickr.com/photos/pedrodiasbs/ > acesso em 05 outubro 2013	21	Figura 13. Distância entre Terreno-Centro Olímpico: 1000 metros. Disponível em < http://maps.google.com.br/ > acesso em 29 setembro 2013 e acervo pessoal	25	Figura 21. Eixos estruturantes do projeto. Os eixos transversais possibilitam a divisão de setores na área de projeção. Disponível em < http://maps.google.com.br/ > acesso em 17 novembro 2013 e acervo pessoal	31
Figura 07. Contemplação do lago. Reflexão pessoal. Disponível em < http://flickr.com/photos/pedrodiasbs/ > acesso em 05 outubro 2013	21	Figura 14. Distância entre Terreno-Hospital Universitário: 2150 metros. Disponível em < http://maps.google.com.br/ > acesso em 29 setembro 2013 e acervo pessoal	26	Figura 22. Incidência solar na área. Cartas solares obtidas através do programa SOL-AR	31
Figura 08. Panorâmica das ruínas. Local abandonado contemplado com uma bela vista. Disponível em		Figura 15. Distância entre Terreno-Universidade de Brasília: 1500 metros. Disponível em < http://maps.google.com.br/ > acesso em 29 setembro 2013 e acervo pessoal	27	Figura 23. Pátio gramado. Liberdade para as crianças e contato com a natureza. Disponível em < http://www.archdaily.com/ > acesso em 10 setembro 2013	33
				Figura 24. Pátio de madeira. Conforto e segurança para as crianças. Disponível em	

<<http://www.archdaily.com/>> acesso em 10 setembro 2013

33

Figura 25. Fachada principal. Volume inspirado na caixa do Pequeno Príncipe. Disponível em <<http://www.archdaily.com/>> acesso em 10 setembro 2013

33

Figura 26. Planta baixa. Disponível em <<http://www.archdaily.com/>> acesso em 10 setembro 2013

34

Figura 27. Corte por ambientes. Disponível em <<http://www.archdaily.com/>> acesso em 10 setembro 2013

34

Figura 28. Croqui dos ambientes. Disponível em <<http://www.archdaily.com/>> acesso em 10 setembro 2013

34

Figura 29. Croqui corte - Insolação. Disponível em <<http://www.archdaily.com/>> acesso em 10 setembro 2013

34

Figura 30. Parede sólida que circunda a Igreja, gerando surpresa ao atravessá-la. Marca do arquiteto. FURUYAMA, Masao. Tadao Ando. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

36

Figura 31. Espelho d'água sobre o qual a igreja "flutua". Disponível em <<http://silhuetaarquitectonica.wordpress.com/>> acesso em 04 setembro 2013

36

Figura 32. Altar/cruz sobre a água. Representa o sublime, o poder divino. Disponível em <<http://silhuetaarquitectonica.wordpress.com/>> acesso em 04 setembro 2013

37

Figura 33. Mobiliário de madeira. Disponível em <<http://silhuetaarquitectonica.wordpress.com/>> acesso em 04 setembro 2013

37

Figura 34. Os visitantes entram num cubo de aço e vidro, que abriga quatro cruces de concreto, orientando a vista para cima. Disponível em <<http://www.archdaily.com/>> acesso em 04 setembro 2013

37

Figura 35. Cortes - Iluminação natural. Disponível em <<http://www.archdaily.com/>> acesso em 04 setembro 2013

38

Figura 36. Croqui - Perspectiva. Disponível em <<http://www.archdaily.com/>> acesso em 04 setembro 2013

39

Figura 37. Croquis - Corte esquemático e vista do altar. Disponível em <<http://www.archdaily.com/>> acesso em 04 setembro 2013

39

Figura 38. Perspectiva da fachada principal. Interação entre a edificação e a natureza. Paisagismo aconchegante, acolhedor. Disponível em <<http://www.archdaily.com/>> acesso em 03 outubro 2013

40

Figura 39. Pátio interno com abertura zenital. Aconchego e contato com a natureza. Disponível em <<http://www.archdaily.com/>> acesso em 03 outubro 2013

40

Figura 40. Maquete física. Disponível em <<http://www.archdaily.com/>> acesso em 03 outubro 2013

40

Figura 41. Implantação. Nota-se a quantidade de abertura para os pátios internos. Disponível em

<<http://www.archdaily.com/>> acesso em 03 outubro 2013

41

Figura 42. Vista superior do parque. Marcação do trajeto de caminhada e corrida. Disponível em <<http://www.curitiba-parana.net/>> acesso em 13 novembro 2013

43

Figura 43. Vista aérea do parque e do bairros Champagnat e Cascatinha. Disponível em <<http://www.curitiba-parana.net/>> acesso em 13 novembro 2013

43

Figura 44. Ginástica no parque. Disponível em <<http://www.curitiba-parana.net/>> acesso em 13 novembro 2013

44

Figura 45. Espaço para o idoso. Os equipamentos são utilizados também por pessoas de todas as idades. Disponível em <<http://www.curitiba-parana.net/>> acesso em 13 novembro 2013

44

Figura 46. Os animais ficam soltos e convivem com os usuários do parque. Disponível em <<http://www.curitiba-parana.net/>> acesso em 13 novembro 2013

44

Figura 47. Interação arquitetura x natureza. Disponível em <<http://www.curitiba-parana.net/>> acesso em 13 novembro 2013

45

Figura 48. Jacaré de papo amarelo famoso no parque. Até hoje não foi registrada nenhuma ocorrência. Disponível em <<http://www.curitiba-parana.net/>> acesso em 13 novembro 2013

45

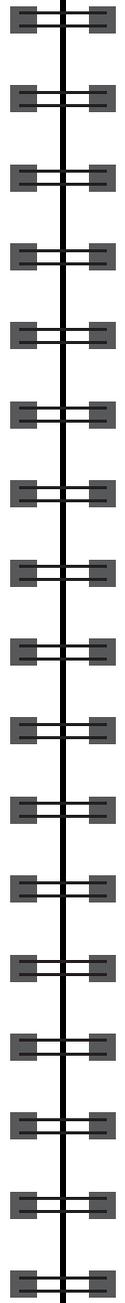


Figura 49. Mistura de texturas, jogo de sensações do arquiteto. O tijolinho aparente torna a casa mais aconchegante e ainda remete ao estilo rústico. Disponível em <<http://arquitetandonanet.blogspot.com.br/>> acesso em 05 outubro 2013

47

Figura 50. Varanda com cobertura metálica. Mistura de texturas e materiais no piso. Disponível em <<http://arquitetandonanet.blogspot.com.br/>> acesso em 05 outubro 2013

48

Figura 51. Interior em contato direto com o exterior. Transparência e liberdade. Disponível em <<http://arquitetandonanet.blogspot.com.br/>> acesso em 05 outubro 2013

48

Figura 52. Integração da construção com a natureza. Promove a privacidade em seu interior transparente. Disponível em <<http://arquitetandonanet.blogspot.com.br/>> acesso em 05 outubro 2013

48

Figura 53. As cores e os materiais diversos tornam o ambiente mais descontraído e agradável. Disponível em <<http://www.archdaily.com/>> acesso em 03 outubro 2013

49

Figura 54. Casa Lemk. Aconchego resultante dos tijolos e da natureza ao seu redor. Disponível em <<http://tecnne.com/arquitetura/mies-van-der-rohe-casa-lemke/>> acesso em 05 outubro 2013

53

Figura 55. Aberturas voltadas para o quintal. Disponível em <<http://tecnne.com/arquitetura/mies->

<<http://www.archdaily.com/>> acesso em 05 outubro 2013

53

Figura 56. Planta baixa esquemática - Corredores extensos fadigam e geram isolamento. Acervo pessoal

54

Figura 57. Perspectiva de pavilhões paralelos com corredores extensos. Pessoas isoladas. Acervo pessoal

54

Figura 58. Planta baixa esquemática - quartos voltados para pátios internos. Solução promove convívio entre os pacientes. Acervo pessoal

55

Figura 59. Perspectiva - pátio interno e interação entre as pessoas. Acervo pessoal

55

Figura 60. Orla do lago preservada. Local para reflexão e contato com a natureza. Acervo pessoal

56

Figura 61. Planta baixa esquemática - esculturas no decorrer dos caminhos. Contato com a arte. Acervo pessoal

56

Figura 62. Perspectiva - contato com a natureza e com a arte. Acervo pessoal

56

TEMA DE PROJETO

ESPAÇO DE CONVÍVIO E REINTEGRAÇÃO SOCIAL

Tem como objetivo principal o acolhimento de dependentes químicos. Não visa apenas o seu tratamento, mas também sua reintegração à sociedade e reestruturação pessoal.

As comunidades terapêuticas oferecem ambientes de convívio livre das drogas e oportunidades de adotar novos hábitos de vida.

É comum os adictos serem taxados negativamente na sociedade, serem olhados com indiferença por grande parte das pessoas e, conseqüentemente, excluídos de seus meios sociais. Como dito acima, essa exclusão atinge não somente aos dependentes químicos, mas também às suas famílias. Levando em consideração estes fatos negativos, busca-se a criação de um local bucólico e bonito, onde seu vício possa ser tratado, suas relações interpessoais serem trabalhadas, reaprender a conviver com as pessoas e também a confiar, juntamente de atividades educativas. Neste espaço, os familiares também serão acolhidos.

Com isso, desenvolve-se também um novo olhar para o paradigma das pessoas com problemas de saúde.

Um espaço bucólico, bonito, onde abrigará atividades que envolvam o bem estar pessoal. Alunos e professores de universidades também poderão colaborar para o funcionamento do espaço, dando palestras e oficinas aos residentes. Não será apenas um espaço de convívio, também poderá ser considerado uma escola. Não só para os pacientes, mas também para os estudantes e professores, pois estes participarão de um estágio de como lidar com seres humanos escravizados pelo vício.

Uma clínica pública com investimentos do Estado. É o início de uma conscientização. O local, porém, será também autossuficiente, onde os alimentos poderão ser plantados no próprio terreno, e produtos desenvolvidos nas oficinas servirão para manutenção do espaço.

Um lugar neutro e confiável onde os pacientes podem conhecer gente nova e aprender a “ver o outro” a partir da convivência.

Será criado também um parque ao redor da clínica, onde as pessoas poderão fazer caminhadas ou praticar corridas, fazer atividades ao ar livre e ter contato direto com a natureza. Futuramente, quando os pacientes estiverem em um nível de tratamento e melhora avançados, poderão também frequentar o parque.

TIPOS DE TRATAMENTOS

O QUE É DEPENDÊNCIA QUÍMICA?

A “dependência” de qualquer substância psicoativa, ou seja, qualquer droga que altere o comportamento e que possa causar dependência (álcool, maconha, cocaína, crack, medicamentos para emagrecer à base de anfetaminas, calmantes indutores de dependência ou “tarja preta”, etc.). A dependência se caracteriza por o indivíduo sentir que a droga é tão necessária em sua vida quanto alimento, água, repouso, segurança, dentre outros fatores importantes.¹

“Química” se refere ao fato de que o que provoca a dependência é uma substância química. O álcool, embora não seja uma droga ilícita, é uma droga tão ou mais poderosa em causar dependência em pessoas predispostas quanto qualquer outra droga ilícita ou não.²

A Organização Mundial de Saúde reconhece as dependências químicas como doenças. Uma doença é uma alteração da estrutura e funcionamento normal da pessoa, que lhe seja prejudicial. Ao contrário do que a sociedade preconceituosa pensa, dependência química não é simplesmente

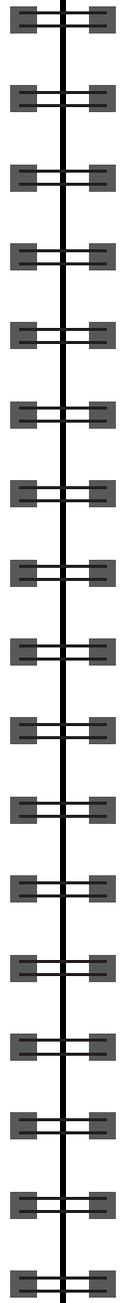
“falta de vergonha na cara” ou um problema moral.³

O convívio com o dependente faz com que os familiares adoeçam emocionalmente, sendo necessário que o familiar também se trate, e, ao mesmo tempo, receba orientações a respeito de como lidar com o dependente, como lidar com seus sentimentos em relação ao dependente, o que fazer, o que não fazer, e sobre como proteger a si e aos demais membros da família de problemas emocionais causados pela doença do dependente.⁴

É uma doença crônica incurável, porém tratável. Apesar de nunca mais poder usar álcool ou outras drogas de maneira “social” ou “recreativa”, da mesma maneira que um diabético nunca vai poder comer açúcar em quantidade, o dependente, se aceitar e realmente se engajar no tratamento, pode viver muito bem sem a droga e sem as consequências da dependência ativa. É importante notar que qualquer avanço, em termos de recuperação, depende de um real e sincero desejo do paciente: ninguém “trata” o dependente se ele não quiser se tratar.⁵

Segundo as estatísticas do CAPS-AD III (Centro de Atenção Psicossocial Álcool e outras Drogas - Rodoviária), até o segundo trimestre do ano de 2013, foram feitos aproximadamente 4043 atendimentos a dependentes químicos só no Plano Piloto. Destes 4043, apenas 1108 foram acolhidos. O que justifica este desfalque, segundo a direção geral do CAPS-AD III, é a dificuldade de acesso às comunidades terapêuticas para alguns usuários, tendo em vista que muitas localizam-se em outras regiões administrativas.

Estes dados mostram que a demanda de centros de reabilitação é alta, tendo em vista que os usuários de substâncias psicoativas é bastante elevado.



UM TESTEMUNHO SOBRE AS DROGAS...

Bryan Lewis é mais conhecido no mundo artístico por suas poesias, porém um dos seus projetos vêm ganhando muita atenção: ele decidiu fazer auto retratos sobre a influência de vários tipos de drogas.

O seu projeto de fazer um auto retrato por dia já rolavam desde 1995 e somente em 2000 foi que Bryan decidiu usar drogas para desenhar sobre a influência delas. Isso ocorreu depois que várias fatalidades atingiram a sua vida, uma amiga morreu em um incêndio, outro tentou se matar e ele teve que retirar metade de um dos pulmões. Após o convite de um amigo para fazer uma escalada em meio a natureza, Bryan finalmente começou a se recuperar de suas tristezas e se viu novamente pertencente a esse mundo de hoje. Depois de um surto psicótico de um amigo, Bryan teve epifania incrível onde ele decidiu que tomaria vários tipos de drogas para expressar a influência que elas têm sobre a percepção dele mesmo.⁶

“Depois de passar por drásticas mudanças em meu ambiente, procurei por experiências que pudessem afetar profundamente minha percepção do ser. Então inventei um experimento no qual todo dia eu tomava uma droga diferente e desenhava a mim mesmo sob seu efeito. Em algumas semanas me tornei letárgico e sofri dano cerebral moderado. Ainda estou conduzindo esse projeto, mas ao longo de maiores períodos de tempo”. LEWIS, Bryan.



Figura 01. Bryan Lewis sob efeito de: xanax, cogumelos, maconha, morfina, respectivamente.



Figura 02. Bryan Lewis sob efeito de: cocaína, PCP, coquetel de remédios e crystalmeth, respectivamente.



Figura 03. Bryan Lewis sob efeito de: valium (primeira e segunda gravura), amfen e percocet, respectivamente.



Figura 04. Bryan Lewis sem utilizar droga alguma.



Figura 05. Bryan Lewis dando palestra.

POLÍTICA NACIONAL SOBRE DROGAS

Foi aprovada em Outubro de 2005 através da Resolução nº3, pelo Conselho Nacional Antidrogas.

Alguns dos pressupostos da Política são:

- Buscar, incessantemente, atingir o ideal de construção de uma sociedade protegida do uso de drogas ilícitas e do uso indevido de drogas lícitas.
- Tratar de forma igualitária, sem discriminação, as pessoas usuárias ou dependentes de drogas lícitas ou ilícitas.
- Garantir o direito de receber tratamento adequado a toda pessoa com problemas decorrentes do uso indevido de drogas.
- Garantir a implantação, efetivação e melhoria dos programas, ações e atividades de redução da demanda (prevenção, tratamento, recuperação e reinserção social) e redução de danos, levando em consideração os indicadores de qualidade de vida, respeitando potencialidades e princípios éticos.
- Garantir dotações orçamentárias permanentes para o Fundo Nacional Antidrogas - FUNAD, a fim de

implementar ações propostas pela Política Nacional sobre Drogas, com ênfase para aquelas relacionadas aos capítulos da PNAD: prevenção, tratamento e reinserção social, redução de danos, redução da oferta, estudos e pesquisas.⁷

Duas diretrizes da Política que também se adequam ao projeto proposto seriam:

- Garantir aos pais e/ou responsáveis, representantes de entidades governamentais e não-governamentais, iniciativa privada, educadores, religiosos, líderes estudantis e comunitários, conselheiros estaduais e municipais e outros atores sociais, capacitação continuada sobre prevenção do uso indevido de drogas lícitas e ilícitas, objetivando engajamento no apoio às atividades preventivas com base na filosofia da responsabilidade compartilhada.
- Promover, estimular e apoiar a capacitação continuada, o trabalho interdisciplinar e multiprofissional, com a participação de todos os atores sociais envolvidos no processo, possibilitando que esses se tornem multiplicadores,

com o objetivo de ampliar, articular e fortalecer as redes sociais, visando ao desenvolvimento integrado de programas de promoção geral à saúde e de prevenção.⁸

A criação desta Política Nacional sobre Drogas possibilita a manutenção do Espaço de Convívio proposto. Além do trabalho local voltado para seu próprio uso e consumo, o Fundo Antidrogas também participa de seus cuidados.

MAS O QUE É O FUNDO ANTIDROGAS?

O Fundo Nacional Antidrogas (FUNAD) é gerido pela Secretária Nacional de Políticas sobre Drogas (SENAD). Seus recursos são constituídos de dotações específicas estabelecidas no orçamento da União, de doações, de recursos de qualquer bem de valor econômico, apreendido em decorrência do tráfico de drogas de abuso ou utilizado em atividades ilícitas de produção ou comercialização de drogas, após decisão judicial ou administrativa tomada em caráter definitivo.

Os recursos da FUNAD, em síntese, são destinados ao desenvolvimento, à implementação e à execução de ações, programas e atividades de repressão, de prevenção, tratamento, recuperação e reinserção social de dependentes de substâncias psicoativas.⁹

O Fundo Antidrogas do DF trabalha em conjunto com os serviços de acolhimento, os quais são destinados a pessoas com transtornos decorrentes do uso/abuso ou dependência de substâncias psicoativas.

Segundo o Edital de Chamamento Público nº 001/2013 – SENAD/MJ, a disponibilidade

de serviços de acolhimento deve estar limitada a até 50% da capacidade de ocupação da entidade, não ultrapassando 60 vagas. O período máximo de internação para garantir o auxílio do Fundo Antidrogas é de 12 meses.¹⁰

Além das exigências feitas aos serviços de acolhimento, as entidades associadas devem também atender à demanda de paciente, a partir de 12 anos, em espaços físicos separados por sexo.¹¹

O convênio entre as comunidades terapêuticas e o Fundo Nacional Antidrogas surgiu a partir da Política Antidrogas, gerida pela Lei nº 11.343.

CONCEITO PRESENTE NO PROJETO

O projeto se desenvolverá em três subdivisões: laboral, saúde e espiritualidade.

1. O laboral envolverá o exercício, o reaprendizado, onde o usuário perceberá que ainda pode ser produtivo. Envolverá também o trabalho. É onde ficará a conexão de serviços, pátio de trabalho, parte de agricultura, dentre outros. Envolverá também a diversão.
2. A saúde englobará a parte médica, os atendimentos por psicólogos, psiquiatras, dentre outros profissionais dessas áreas.
3. Já a espiritualidade abrangerá a consciência, a reflexão, meditação. Nem sempre a pessoa tem um vínculo espiritual, mas pode ter um vínculo com sua consciência. É a contemplação de si mesmo. É onde entrará o ar puro, o visual bonito, os espaços individuais e coletivos. É onde a questão bucólica será trabalhada. E foi aí que entrou a escolha do terreno...

“E ENTÃO VEIO A DÚVIDA: PRÓXIMO OU DISTANTE DO MEIO URBANO?”

ALIÁS, DE ONDE SURTIU ESSA “OBRIG-AÇÃO” DE SEREM DISTANTES?”

UM BREVE HISTÓRICO...

Tudo começou na Europa, nos abrigos para pessoas portadoras da hanseníase.

Desde a disseminação dos antigos leprosários europeus na Idade Média, que posteriormente passaram a pertencer, por herança histórica, aos insanos, que a hanseníase e a “loucura” vivem na instituição do asilamento. Juntamente destas duas condições de saúde, entra a doença da dependência química. A história destas doenças nos traz subsídios para algumas reflexões no sentido de procurar compreender o que denominamos de instituição do asilamento, e quais os reflexos que existem ainda hoje na práticas e políticas de atenção à saúde.¹²

Foucault (1991) aponta que no final da Idade Média a lepra desapareceu no mundo ocidental, ele se refere ao ocidente acima do Equador, mais especificamente à Europa. Foi a Igreja da época das Cruzadas que criou os leprosários, procurando atender à miséria dos milhares de leprosos que, expulsos da comunidade, vagavam pelas estradas, mendigando.¹³

A criação destes abrigos serviu para agregar e ao mesmo tempo garantir a segregação dos leprosos. Eram levados aos leprosários sob forma de punição de Deus, para que pagassem pelo pecado cometido, assim a Igreja lhes garantia a misericórdia divina.¹⁴

Na alta Idade Média, os leprosários tinham se multiplicado em toda a Europa, chegando a haver 19.000 deles. Por volta do final do século XVII, já não havia mais o mesmo número de pacientes. Estas casas de tratamento e suas estruturas, que ficavam cada vez mais vazias, passavam a ser destinadas a outros fins.

Dois séculos depois do desaparecimento da lepra, as estruturas dos leprosários seriam novamente ocupadas; agora pelos vagabundos, presidiários, pobres e as

“cabeças alienadas”, como denominou Foucault (1991).¹⁵

No final do século XV, a lepra foi substituída inicialmente pelas doenças venéreas. Tiveram, num primeiro momento, um cuidado médico, não sofrendo a exclusão social, mesmo ocorrendo epidemiologicamente em grande expressão. A doença venérea tornou-se constituída de preconceito e isolamento social somente no século XVII, na Europa, se integrando ao lado da loucura, por herança da lepra, em um espaço moral de exclusão.¹⁶

No século XVII, a loucura aparece na Europa enquanto um problema de saúde pública. Dois séculos se passaram até que a loucura sucedesse a lepra em seu espaço de asilamento, herdando também todos os preconceitos, medos e exclusão.¹⁷

Após a primeira guerra mundial, houve a teorização a respeito do uso de álcool e drogas como insanidade moral ou “doença da vontade”. Os psiquiatras voltaram-se para o estudo do subconsciente. Iniciou o tratamento das neuroses do pós-guerra. A psicologia e a bioquímica contribuíram para a elaboração de programas especializados no tratamento do alcoolismo.¹⁸

Lilia Ferreira Lobo, em seu livro “Os Infames da história”, relata sobre os essas pessoas excluídas no Brasil, variando desde o século XV ao século XX. Segundo Lilia, os asilados tratam-se daquelas frágeis existências reais que pouco falaram por si e que viveram como aleijados, paralíticos, deformados, doentes, mentecaptos, alienados ou débeis mentais, cegos, surdos-mudos, enfim os que foram considerados inválidos e incapazes de toda espécie.¹⁹

Diversas interpretações da teoria de Darwin (1858) foram empregadas na análise das sociedades humanas e dos indivíduos, servindo muitas vezes de base para justificar diversas formas de dominação. Não obstante já serem bem conhecidos alguns estudos sobre a genética e já terem caído por terra os defensores da herança dos caracteres adquiridos, a hereditariedade continuava a desempenhar importante papel na explicação das causas de numerosas doenças e desvios, em particular das doenças mentais (alcoolismo, delinquência, epilepsia, esquizofrenia, idiotia, imbecilidade).²⁰

O radicalismo na época era tanto que a revista “Brasil-Médico” publicou, em 1912, um artigo sem assinatura

intitulado “Esterilização dos deficientes e dos degenerados”. Acreditavam que as características indesejadas eram transmitidas geneticamente.

O banimento do território do Reino para as colônias seria de início a concretização do ideal de correção e limpeza das cidades. Ele não se compunha mais, como na Idade Média, quase exclusivamente de leprosos, que afinal já haviam desaparecido do Ocidente em consequência da própria segregação ou, talvez, do fim das Cruzadas e dos contágios com os focos orientais da doença.²¹ Assim como a miséria era santificada pela caridade medieval que não ousava negar-lhe hospitalidade, a lepra era a marca da bondade e do castigo divinos – a oportunidade de expiação dos pecados pelo abandono e pela exclusão: a salvação do leproso “pela mão que não se estende” (p.6). A questão nem era tão somente evitar o contágio, mas isolar o pecador, pois todos aqueles que passaram a constituir a camada dos associas é que substituiriam os leprosos no reino da exclusão.²²

O abandono desses “novos leprosos”, no entanto, não significaria mais a salvação eterna, mas a produção de um desenho estranho e socialmente irreconhecível

das figuras comuns da pobreza, antes tão familiares ao mundo medieval. O marco da criação dos grandes asilos, apontado por Foucault, é 1656, quando foi criado em Paris o Hospital Geral: “trata-se de recolher, alojar, alimentar aqueles que se apresentam de espontânea vontade, ou aqueles que para lá são encaminhados pela autoridade real ou judiciária.

Bem antes do uso dos grandes asilos para recolher essa massa de desvalidos e delinquentes, estabelecimentos que mantinham funções mistas de prisão, albergue e hospital, o Brasil, como todas as colônias europeias, era usado como depósito para indesejáveis e como lugar de degredo para os que feriam a lei na mãe-pátria.²³

O espaço homogêneo da exclusão, desocupado pelo leproso, seria ocupado aqui também pela massa indiferenciada dos considerados perturbadores da ordem social, relegada ao abandono na nova terra.²⁴

Embora não fosse ainda uma prática generalizada, o internamento de loucos e leprosos teve início no século XVIII, com o surgimento de poucos asilos

especializados. A referência mais antiga que se pôde encontrar está em “Fidalgos e filantropos”, de Russel-Wood. Trata-se da construção conhecida como “casinhas de doudos”, em 1706, de iniciativa da Santa Casa de Salvador, cujos guardiães eram carregadores que “também ficavam alojados nessa parte da Misericórdia” (p.217). Como, segundo o autor, não há registros sobre esse asilo, pode-se apenas supor que fossem celas onde os loucos ficavam trancafiados. Quanto aos leprosos, o primeiro estabelecimento foi construído em 1737, no Rio de Janeiro, pela Irmandade da Candelária. Até meados do século XVIII, os leprosos no Brasil, embora evitados pela população, não estavam sujeitos à exclusão nos lazarentos (Machado et al., 1978, p.134-42). Como se vê, nem todas as Misericórdias tinham sob seu encargo a manutenção dos asilos de leprosos, o que era o caso também da Bahia, onde os leprosos eram abrigados pela Irmandade de São Lázaro (Russel-Wood, 1981, p.226).²⁵

O sistema de asilo aos leprosos resumiu-se ao confinamento obrigatório dos doentes, considerados incuráveis, “quase sempre à força, que preferiam fugir na primeira oportunidade para viverem com a família ou

esmolar pelas ruas” (p.129). Durante muito tempo, os serviços médicos nos leprosários eram ainda mais raros do que nos hospitais comuns. A mesma situação caracterizou, mais tarde, as separações nos asilos de inválidos, velhos e portadores de doenças crônicas, como também considerados incuráveis, conforme Sérgio França Adorno de Abreu e Myriam Mesquita Pugliese de Castro (“A arte de administrar a pobreza”, 1987, p.101-9).²⁶

Sendo equiparada à loucura, à lepra e aos demais excluídos da sociedade, a dependência química também foi levada para locais distantes.

Resumindo, os antigos leprosários eram utilizados para abrigar doenças que sofriam a exclusão. E foi a partir daí que os dependentes químicos, também alvos do asilamento, foram “jogados” para as periferias. E este costume se tornou comum no restante do mundo.

A partir dessas leituras, optei por um terreno inserido no meio urbano, às margens do Lago Paranoá, próximo à Universidade de Brasília, evitando e quebrando o paradigma do isolamento.

O LUGAR

MAS POR QUE A ORLA DO LAGO?

A intenção é a inserção no meio urbano juntamente com a quebra desse paradigma de que comunidades terapêuticas precisam ser afastadas da cidade, sofrendo asilamento como os da Idade Média citados anteriormente.

Há um fechamento social tão grande que, juntamente da ausência momentânea de consciência, o paciente prefere a fuga, pois é mais fácil. Isso faz com que a própria sociedade vire as costas para os dependentes químicos, o que pode leva-los a pensar que estão realmente sozinhos.

O rompimento deste paradigma seria ao trazer uma comunidade terapêutica para o meio urbano, aflorando a corresponsabilidade social com essas pessoas. Por que não fazer com que elas vivenciem lugares bonitos da cidade? Ao invés de botá-las para longe da cidade como se fossem presidiários e contagiosos, como os temidos leprosos da Europa na Idade Média.

Essa inserção no meio urbano também facilita o recebimento de visitas, torna o local mais próximo aos hospitais, e também

é vantajoso para os funcionários, que não precisam se deslocar para tão longe para trabalhar.

Os fatores de risco e proteção variam nos diferentes grupos de usuários. Os mais comuns entre eles são: a necessidade de aceitação, o desejo de experimentar, a busca de sensações novas, etc.

São princípios gerais de tratamento:

- Processo a longo prazo com múltiplas intervenções e monitoramento regular;
- O tipo ou a combinação de tratamentos varia de acordo com as necessidades individuais do paciente (tipo de substância, grau de dependência);
- Os melhores programas para dependência de substâncias psicotrópicas oferecem combinação de terapia e de outros serviços para se adequar às necessidades individuais dos pacientes;
 - O paciente pode ter também problemas de saúde, mental, ocupacional, familiar, social e legal. (E é por isso que o programa de necessidades do projeto visa abordar não só a dependência química do paciente, mas também os

diversos problemas que ele possa vir a ter.)

- “A recaída não só é possível, como provável. Mas lapsos ou recaídas não significam fracasso, mas que algo precisa ser ajustado no tratamento”²⁷. Ou seja, é necessário a flexibilidade no programa do tratamento, tendo em vista as necessidades do paciente. O projeto deve ter então uma variedade de atividades disponíveis para o bom andamento do tratamento.
- De acordo com o National Institute of Drug Abuse (NIDA): “nenhum tratamento é adequado para todos. O ambiente, o tipo de intervenção e os tipos de serviços devem ser individualizados.” Portanto, este espaço de convívio e reintegração social será diferenciado, e priorizará a “reeducação” do paciente e sua reintegração à sociedade. A parte médica de seu tratamento será individualizada.
- O tratamento deve ser prontamente acessível – o que justifica a inserção do projeto no meio urbano. Facilidade de acesso e proximidade de hospitais ou demais pontos de apoio ao programa.

- Os tratamentos efetivos atendem às múltiplas necessidades do indivíduo, e não somente o uso de substâncias psicotrópicas.
- PERÍODO: ao menos três meses (segundo a maioria das pesquisas) para reduzir ou parar o uso. Como muitos desistem antes do tempo, o programa deve incluir estratégias para engajar e manter o paciente em tratamento.
- TERAPIAS: as terapias comportamentais variam e podem incluir motivação do paciente, incentivos para abstinência, habilidades para resistir às drogas, estimular atividades prazerosas não associadas ao uso de substâncias, melhorar as relações interpessoais, etc.²⁸



Figura 06. Margens do Lago Paranoá. O convívio com o bucólico e o horizonte.



Figura 07. Contemplação do lago. Reflexão pessoal.

O TERRENO

O local escolhido foi parte do atual Parque de Uso Múltiplo da Enseada Norte, antiga Escola Superior de Guerra da Marinha. Localizado na Região Administrativa do Plano Piloto (RA-I), às margens do Lago Paranoá, situa-se entre o Centro Olímpico da Universidade de Brasília e o late Clube e possui cerca de 12 hectares. O parque foi criado em 2006 para oferecer infraestrutura que permita um acesso ao público na orla do Lago Paranoá destinado ao lazer, para atender a população carente que não pode usufruir dos clubes que cercam o local. Porém, desde sua criação, nenhuma benfeitoria foi feita ao parque, e ele continua abandonado. É chamado também de “ruínas da UnB”.

O parque foi criado pelo decreto nº 27.472, em 06 de Dezembro de 2006. Devido ao seu abandono, é um local perigoso e não é aconselhável ir até lá a sós. A escolha do terreno enseja sua revitalização, possibilitando às pessoas que necessitam de acolhimento um contato maior com a natureza em um local bonito e reestruturado, permitindo ainda que outras pessoas possam utilizar do parque e ter também esse contato com a natureza.



Figura 08. Panorâmica das ruínas. Local abandonado contemplado com uma bela vista.

A lei que rege o Parque de Uso Múltiplo da Enseada Norte é a Lei Complementar nº 265, de 14 de Dezembro de 1999, a qual dispõe sobre a criação de Parques Ecológicos e de Uso Múltiplo no Distrito Federal.

A área escolhida para o projeto aborda a área das ruínas da antiga construção da Marinha, abrangendo ainda os dois possíveis acessos pré-existentes.

Esses acessos são vindos do late Clube e o do Centro Olímpico. Atualmente, ambos são de difícil circulação.

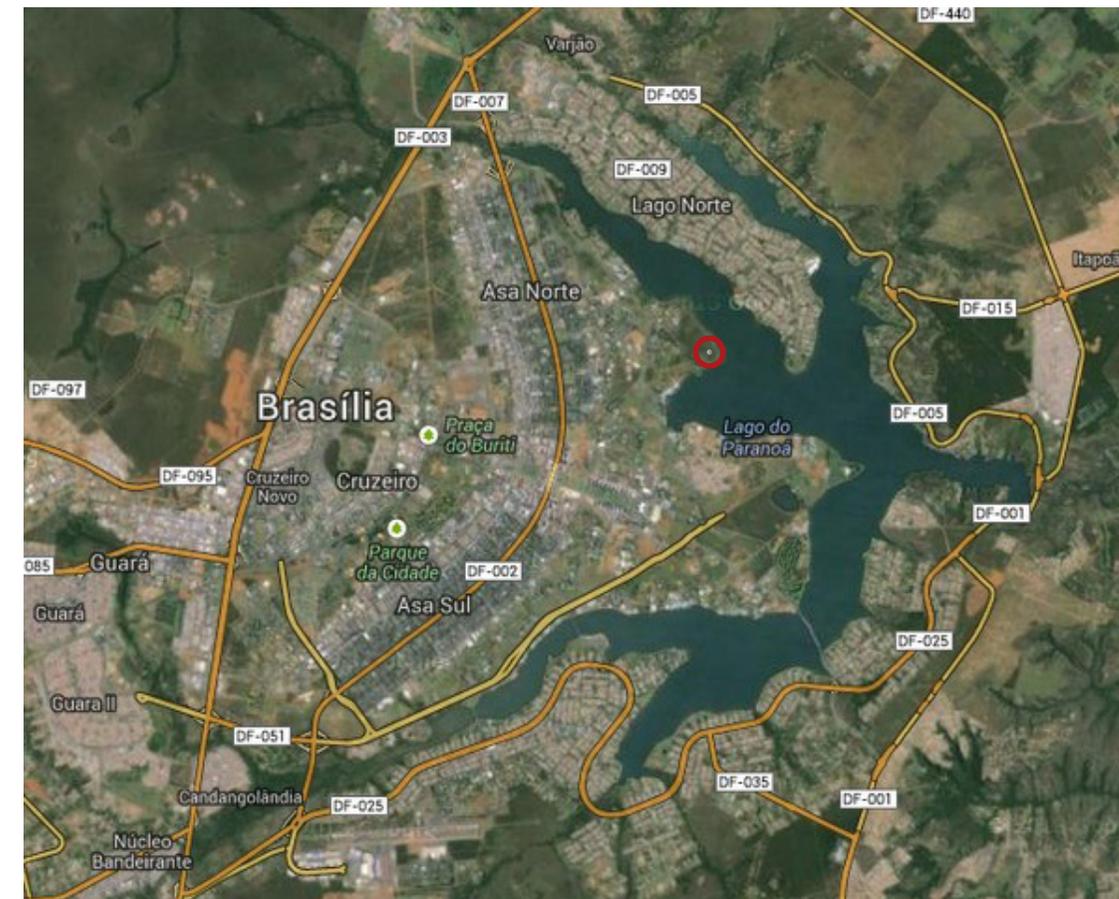


Figura 09. Localização do terreno. Setor de Clubes Norte, próximo ao Centro Olímpico da UnB.



Figura 10. Poligonal do Parque Urbano Enseada Norte determinada pelo IBRAM.



Figura 11. Ruínas da antiga escola de guerra da Marinha.



Figura 12. Marcas do abandono.

O terreno é bem localizado e está próximo à Universidade de Brasília e ao Hospital Universitário. Tal proximidade possibilita, além de uma interação maior entre a Universidade e o Espaço a ser projetado, facilidade caso haja necessidade de encaminhar um paciente ao hospital e vice e versa.



Figura 13. Distância entre Terreno-Centro Olímpico: 1000 metros.



Figura 14. Distância entre Terreno-Hospital Universitário: 2150 metros.



Figura 15. Distância entre Terreno-Universidade de Brasília: 1500 metros.

Inicialmente, propunha-se resguardar 30 metros da orla para um parque linear e fazer a ligação direta das vias.

Além disso, previa-se trabalhar com uma área triangular, abordando apenas a área das ruínas da antiga Escola de Guerra, o que limitaria muito as possibilidades de projeto.

Estas diretrizes fragmentariam muito a área, diminuindo a poligonal reservada para ela segundo o projeto MAPEAR (que totaliza-se em 12,23 hectares).

A ligação direta das vias e a manutenção dos caminhos pré-existent não contribuiria muito para o parcelamento, e acabaria criando espaços confusos e talvez difíceis de trabalhar.

Levando em conta estas considerações, foi elaborado um novo parcelamento, que será comentado a seguir.



Figura 16. Marcação inicial do terreno e indicação dos dois acessos existentes. (A=51960m²)

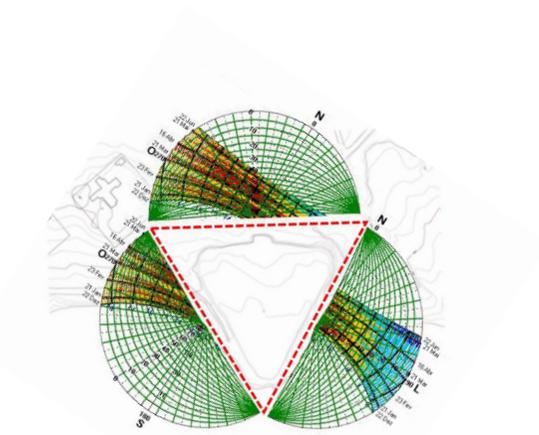


Figura 17. Incidência solar no terreno. Inclinação de 35° em relação ao Norte.

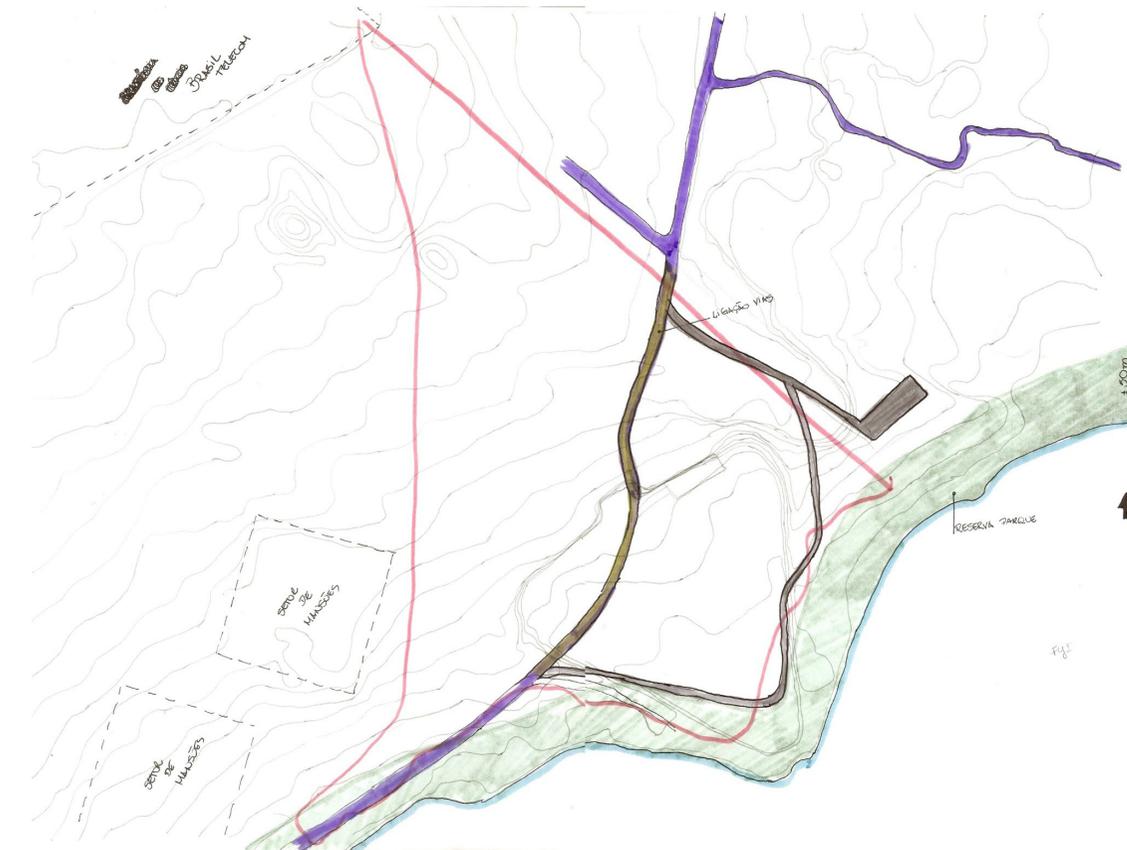


Figura 18. Croqui unindo as vias existentes.

No parcelamento atual, o sistema viário foi feito a partir do projeto de Márcio Villas Boas para o Centro Olímpico e da poligonal estipulada pelo projeto MAPEAR. As vias circundam a poligonal e se interligam com as vias do projeto de Villas Boas.

Pode-se traçar 5 eixos na área de trabalho, sendo 1 longitudinal e 4 transversais. Os eixos servem de parâmetros para a divisão de funções na área.



Figura 19. Projeto de Márcio Villas Boas para o Centro Olímpico da Universidade de Brasília.



Figura 20. Perspectiva do projeto para o CO.



Figura 21. Eixos estruturantes do projeto. Os eixos transversais possibilitam a divisão de setores na área de projeção.

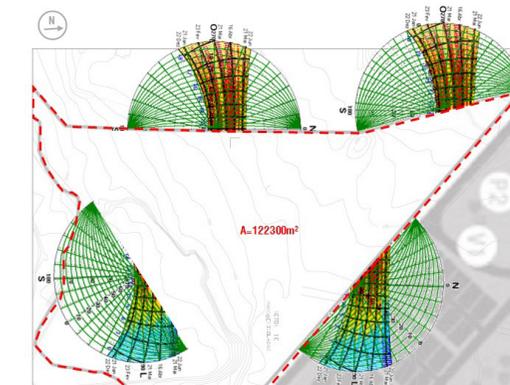


Figura 22. Incidência solar na área.

ESTUDOS DE CASO

CRECHE BENETTON, ALBERTO CAMPO BAEZA, 2006

Localização: Ponzano Veneto, Treviso, Itália.

Área: 1868m²

Sobre o arquiteto:

Alberto Campo Baeza nasceu em Valladolid, Espanha, onde seu avô foi um arquiteto. Do seu pai herdou o espírito de análises e de sua mãe, a determinação para ser um arquiteto.

Seu trabalho vem sendo amplamente reconhecido. Acredita na arquitetura como construção de ideia. Acredita também que os principais componentes da arquitetura são a gravidade, que constrói espaços, e a luz, que constrói tempo.²⁹

O projeto:

Uma caixa composta por nove quadrados menores. A praça central surge para trazer a luz das alturas do vestíbulo. As salas de aula são organizadas nas praças ao redor.

Esta estrutura quadrada está inscrita em outra maior, um recinto circular feito por paredes circulares duplas. A céu aberto,

formam-se quatro pátios que sugerem os quatro elementos: ar, terra, fogo e água.

O espaço entre as paredes circundantes serve como um “lugar secreto” para as crianças, e essas mesmas paredes servem como abrigo e proteção para essas crianças. A partir do momento em que a criança entra ali, ela está isolada do mundo, segura. Os espaços de pátio, formados entre as paredes curvas e as retas, são particularmente notáveis.

O espaço central, o mais alto e com luz vinda de cima, remete um hamman (banho turco) na forma como recolhe a luz solar através de nove aberturas zenitais e outras três em cada uma das quatro fachadas. Esta edificação foi inspirada na caixa do Pequeno Príncipe, e essa alusão é percebida nas três janelinhas redondas em cada fachada. Ali dentro deve ser um lugar onde há bastante criatividade. E a presença das crianças possibilita isso.³⁰



Figura 23. Pátio gramado. Liberdade para as crianças e contato com a natureza.



Figura 24. Pátio de madeira. Conforto e segurança para as crianças.

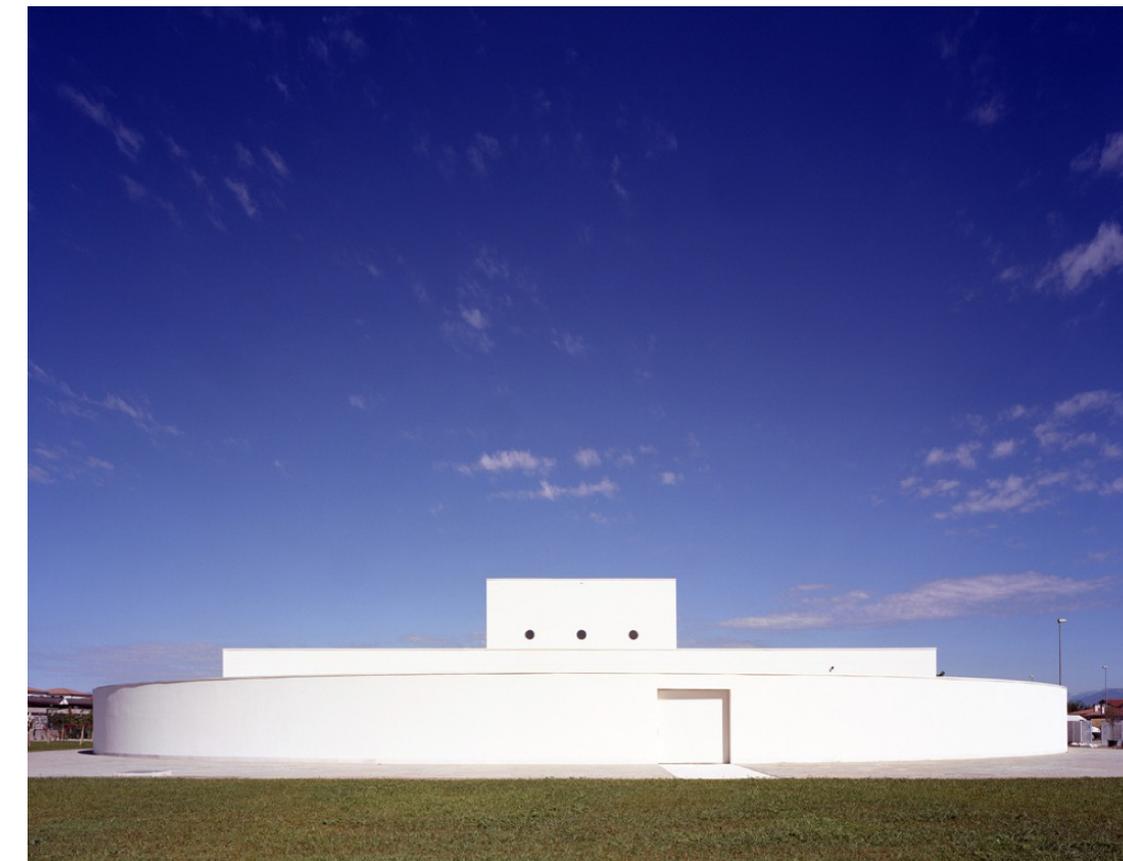


Figura 25. Fachada principal. Volume inspirado na caixa do Pequeno Príncipe.

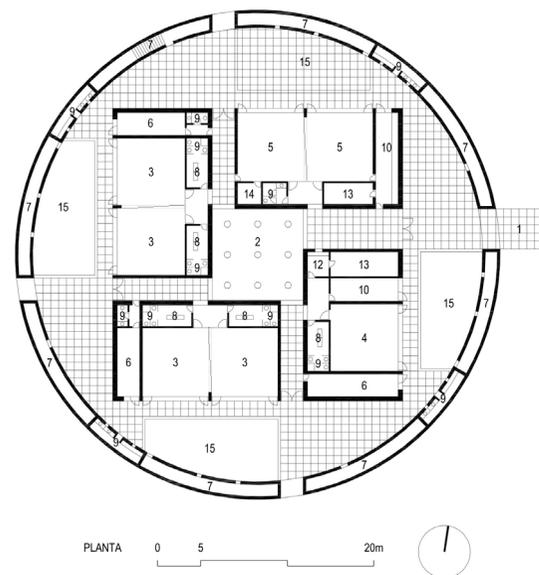


Figura 26. Planta baixa.

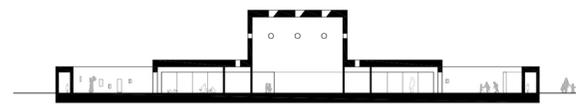


Figura 27. Corte por ambientes.

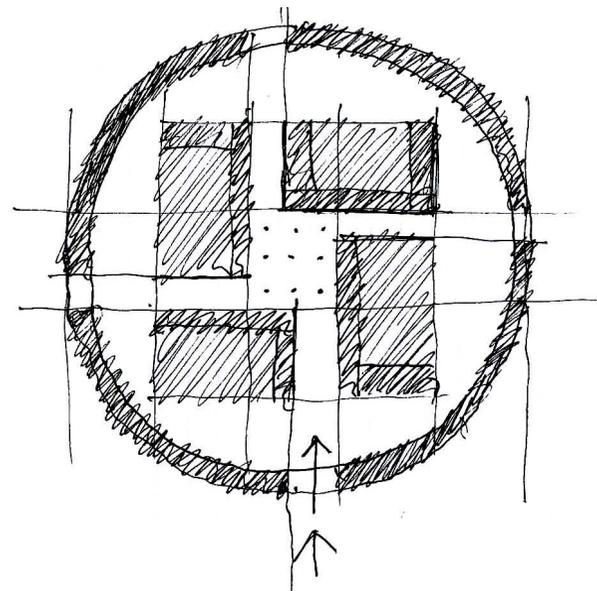


Figura 28. Croqui dos ambientes.

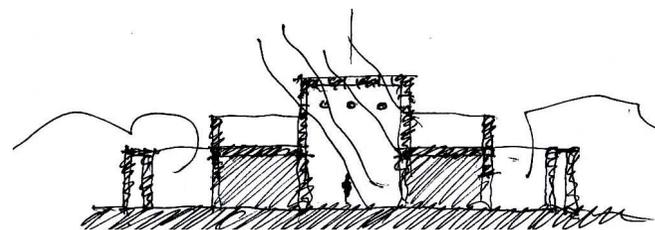


Figura 29. Croqui corte - Insolação.

A IGREJA SOBRE A ÁGUA, YUFUTSU, HOKKAIDO, TADAO ANDO, 1988.

Sobre o arquiteto:

O segredo da popularidade de Ando tem muito a ver com a sua personalidade.

Ando detesta a manipulação do conhecimento e os jogos com a forma. Para ele, a verdadeira arquitetura não é o espaço expressado através da metafísica ou da estética, mas o espaço que corporiza fisicamente a sabedoria absorvida.

“A única expressão que invoca emoções sublimes no observador é aquela em que um criador aposta a sua vida”.³¹

O trabalho de Ando é dominado por uma geometria transparente. É clara mas está longe de ser simples. Reflete profundamente o modo como viveu a sua vida, a sua filosofia e a sua experiência passada. Provoca respeito arquitetônico.

A arquitetura de Ando é uma arquitetura de paredes. Ando criou muitos espaços generosos através do uso experimental do cimento exposto, mas as paredes desempenharam sempre um papel crucial.

Os trabalhos de Ando empregam uma gama limitada de materiais e revelam as suas texturas nuas. A sua cuidada atenção aos materiais dá ao seu trabalho características de ascetismo e tensão. As paredes de suas obras são fortes e pesadas. Os materiais puros cristalizam a intenção de quem os emprega. As paredes revelam força interior e nelas descobrimos as convicções do arquiteto.

Pode ser um mestre do cimento moldado, mas prefere materiais naturais para os pontos que podem ser tocados por seres humanos. Usa inevitavelmente madeira natural em assoalhos, portas e mobiliário. Quando os materiais se deterioram, tornam-se repositórios de memórias. A memória reside no toque das coisas.

A natureza, em especial o céu, desempenha um papel crucial na arquitetura de Ando.

“De modo a escapar à natureza fundamental da arquitetura como uma caixa fechada, conto com o céu como elemento natural que mais afeta os interiores arquitetônicos”.³²

Ando está sempre concentrado no modo como a entrada emoldura o céu. O jogo entre luz e sombra criado por um

céu nitidamente delineado e as formas tridimensionais expressas em paredes de cimento geram magnetismo na arquitetura dele. O céu é também um elemento fundamental nos espaços exteriores de Ando. Ele tem a capacidade de dar vida a espaços estreitos e irregulares.

A arquitetura de Ando é simples, forte e muito delicada. Junta a simplicidade da forma à complexidade do espaço. Utiliza materiais nus sensíveis ao tato. Acima de tudo, transmite uma imagem clara de vida proposta por formas simples. Isso é fundamental. A geometria límpida prenuncia esta imagem simples. Contém sempre uma arrojada proposta para a vida ou um elemento de crítica social incisiva.³³

O projeto:

A Igreja sobre a Água ergue-se em um magnífico ambiente natural de Hokkaido, uma região de invernos frios, situada no extremo norte do arquipélago do Japão. A área circundante é espessamente arborizada. A igreja é, neste magnífico cenário natural, um local onde podemos ouvir o sopro do vento.

Um riacho natural foi desviado para formar um lago artificial, e a igreja, que tem uma

forma geométrica, ergue-se contra um pano de fundo do lago.

Uma parede em L no plano protege o edifício propriamente dito e o lago artificial, e conduz-nos até a igreja. À primeira vista, a água está ocultada pela parede. À medida que caminhamos, ouvimos apenas o murmúrio da água. Ao voltarmos a esquina numa das extremidades da parede, vemos subitamente a grande extensão do lago. Há uma sensação de libertação, como se o nosso corpo se fundisse na paisagem.

O plano do edifício é constituído por dois quadrados sobrepostos, um com 15 metros de comprimento, e o outro com 10. Seus dois cubos sobrepostos enfrentam um lago que leva a um pequeno rio. No cubo maior funciona a capela. O acesso é acolhido pelo cubo menor, com uma escada semicircular em espiral. As paredes são duplas por conta do clima. A espessura total das paredes de cimento à vista, no exterior e no interior, é de 90 centímetros.

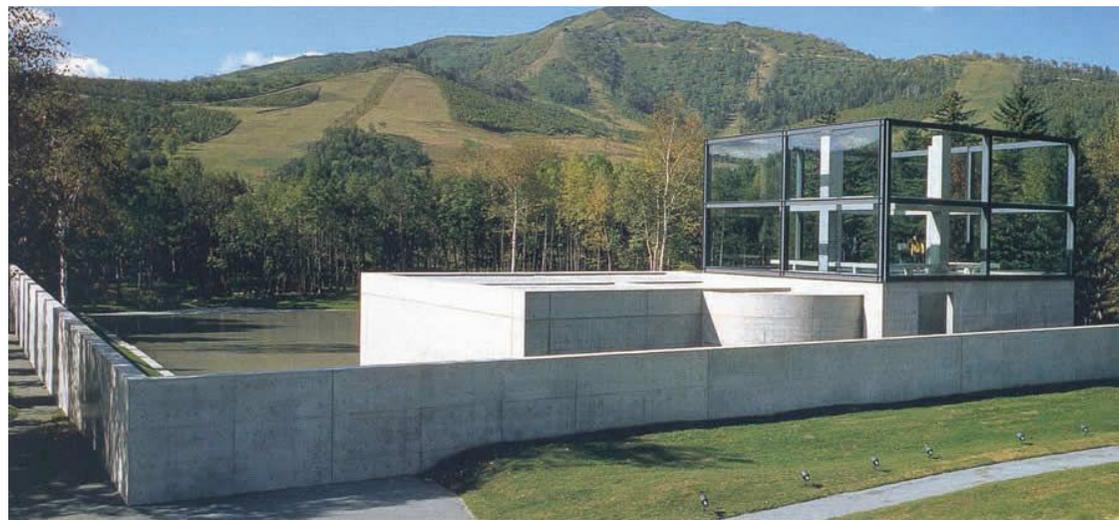


Figura 30. Parede sólida que circunda a Igreja, gerando surpresa ao atravessá-la. Marca do arquiteto.



Figura 31. Espelho d'água sobre o qual a igreja "flutua".



Figura 32. Altar/cruz sobre a água. Representa o sublime, o poder divino.



Figura 33. Mobiliário de madeira.



Figura 34. Os visitantes entram num cubo de aço e vidro, que abriga quatro cruzes de concreto, orientando a vista para cima.

A igreja foi projetada em torno de três elementos naturais: o vento, a luz e a água.

Os visitantes entram num cubo de aço e vidro, que abriga quatro cruzeiros de concreto, orientando a vista para cima. O corredor os leva para lá, ao redor das cruzeiros. Logo, através da escada caracol, se aproxima ao cubo maior da capela.

O surpreendente é dar-se com o lago à sua frente, através de uma divisória móvel de cristal. Todo uma paisagem é criada pela arquiteto, e manipulada no âmbito religioso. Um volume de concreto aparente. No lago, uma cruz de aço fica enquadrada pela moldura da paisagem.

A igreja foi concebida, portanto, como um espaço sagrado ao qual se aproxima através de um percurso ritualístico. O muro exterior em L protege e resguarda a igreja do seu entorno construído. A natureza é aderida a essa experiência. No período entre dezembro e abril, o solo é coberto pela neve, e a paisagem se torna mais impactante.³⁴

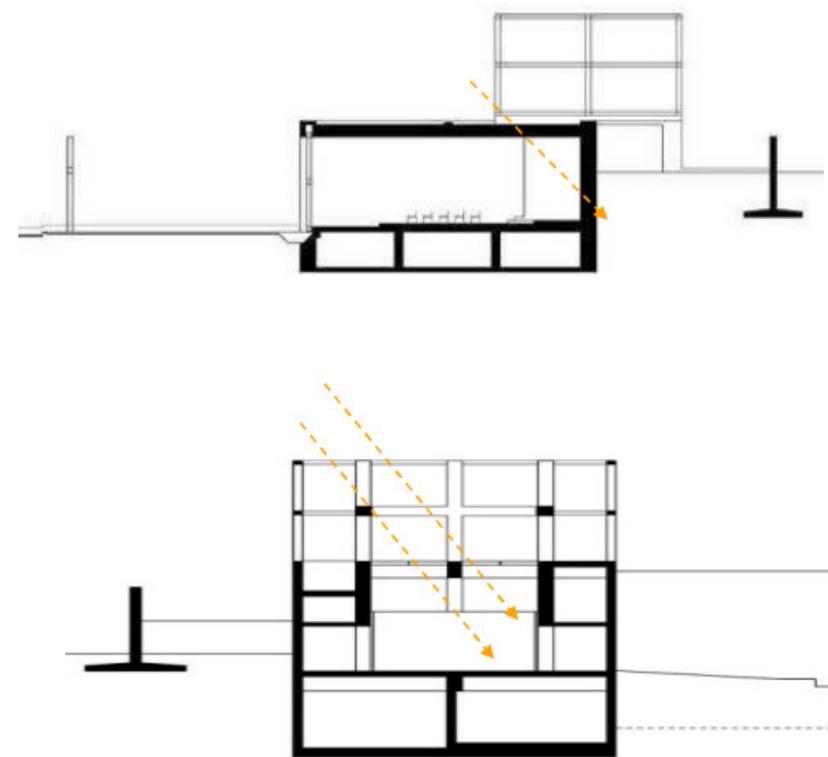


Figura 35. Cortes - Iluminação natural

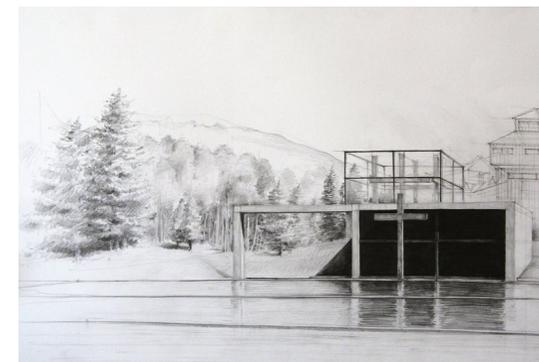
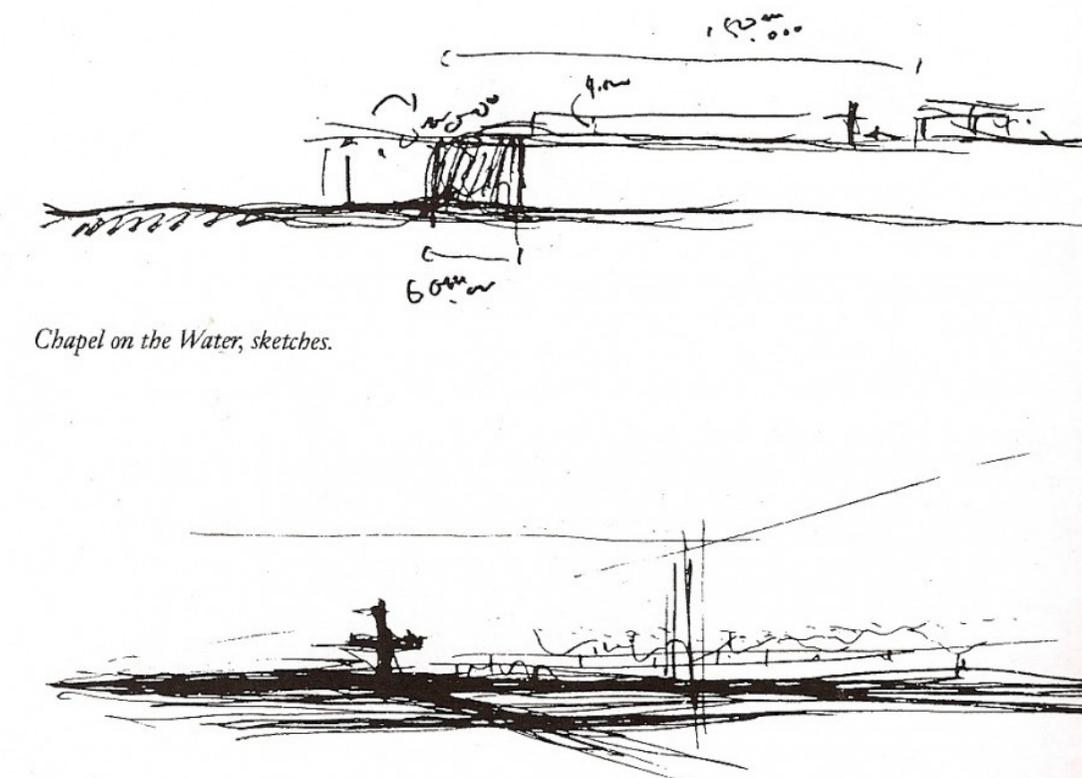


Figura 36. Croqui - Perspectiva



Chapel on the Water, sketches.

Figura 37. Croquis - Corte esquemático e vista do altar.

REFERÊNCIAS ARQUITETÔNICAS

ARQUITETURA E NATUREZA:

Hospital para Crianças, Zurique, Suíça, Herzog & Meuron.

O escritório Herzog & de Meuron ganhou a competição em Maio de 2012, com uma proposta composta por uma edificação feita em madeira formada por três, providenciando um ambiente flexível e convidativo para as crianças.

O projeto para o Hospital Infantil mostra intencionalmente dois edifícios complementares com contrastantes tipologias, programas e desenho urbano, que ainda assim são relacionadas quanto a sua geometria.

O Hospital Infantil é formado por um edifício de três pavimentos disposto ao redor de uma sequência de pátios, de maneira introspectiva e na tentativa de fugir do estereótipo estrutural hospitalar, tornando o espaço mais receptivo para crianças. Pacientes e familiares podem se deslocar livremente entre as diferentes áreas de tratamento.

Os pátios internos se abrem intermitentemente para o exterior, permitindo que a luz penetre o edifício e reforçando a ideia de entrelace da arquitetura com a natureza.

A madeira é o material predominante nas fachadas e nos interiores, criando uma atmosfera mais aconchegante para as crianças, para seus pais e para a equipe de trabalho do local. O uso desse material também reflete o caráter rural das redondezas do distrito.³⁵



Figura 38. Perspectiva da fachada principal. Interação entre a edificação e a natureza. Paisagismo aconchegante, acolhedor.



Figura 39. Pátio interno com abertura zenital. Aconchego e contato com a natureza.

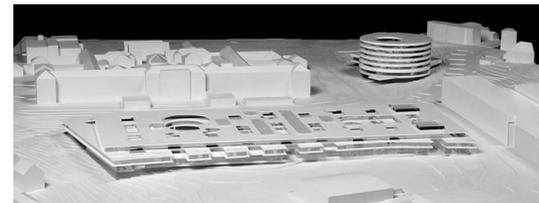


Figura 40. Maquete física.

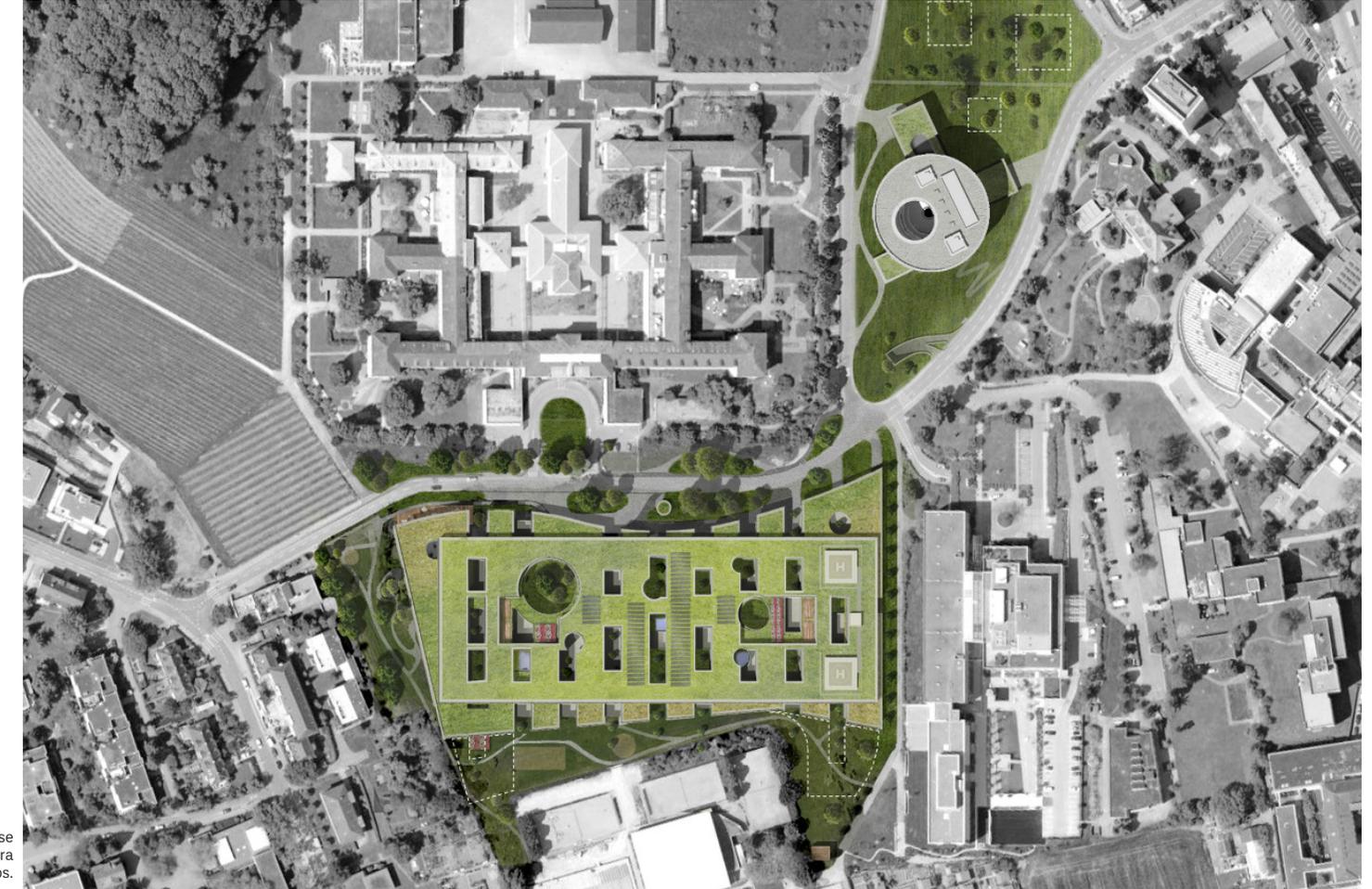
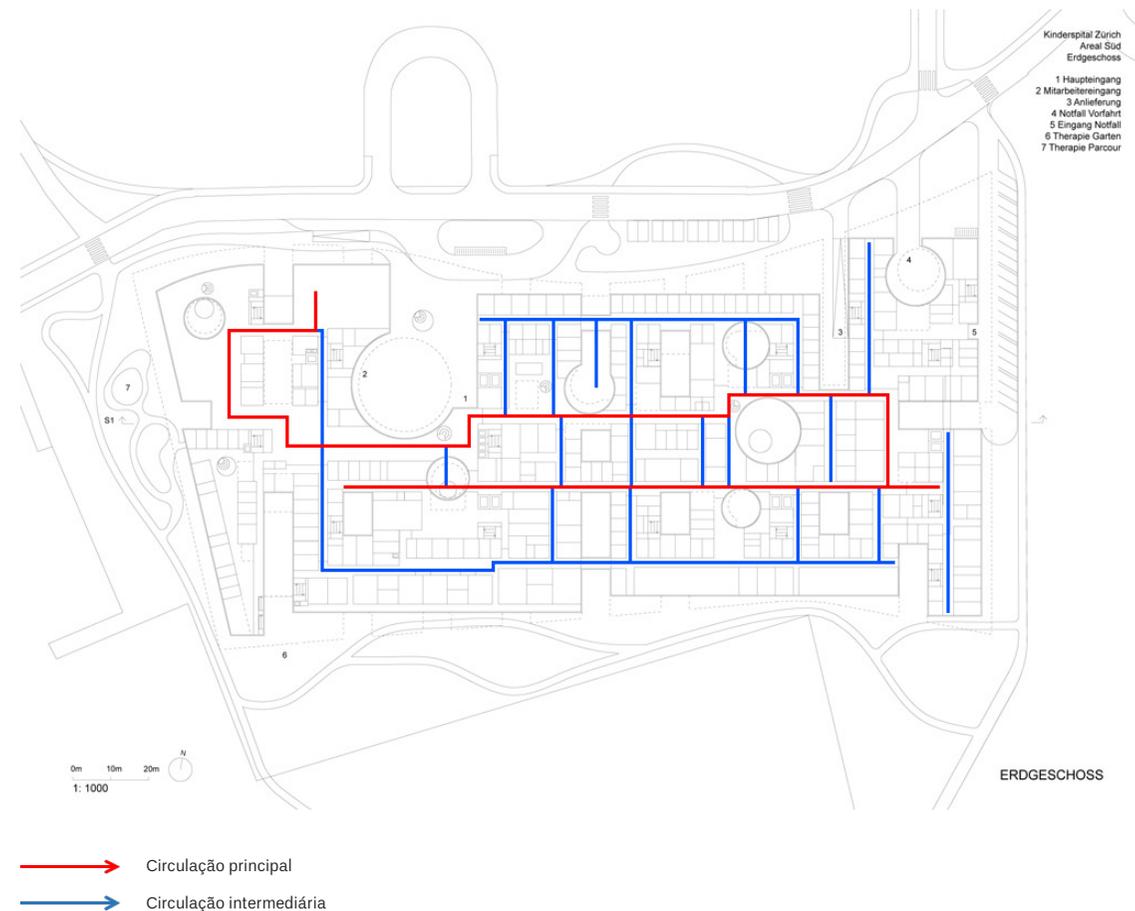


Figura 41. Implantação. Nota-se a quantidade de abertura para os pátios internos.

O fluxo do Hospital Infantil de Zurique é bastante interessante, pois interliga os extensos corredores. Isso aumenta a liberdade de circulação em seu interior e promove interação tanto entre os pacientes (que puderem sair dos quartos, é claro), quanto entre os familiares destes. Os caminhos presentes em sua planta baixa permitem também a passagem pelos pátios internos.

Os materiais utilizados no projeto, a criação de pátios e a flexibilidade dos fluxos são fontes de inspiração e pontos muito importantes para o desenvolvimento do Espaço de Convívio e Reestruturação Social em foco.



PARQUE BARIGUI, CURITIBA, BRASIL, LUBOMIR FICINSKI.

O Barigui é um dos maiores e o mais frequentado parque de Curitiba. Sábados, domingos e feriados o parque é um dos principais pontos de encontro da cidade e, durante a semana, é muito comum as caminhadas em volta do lago. São muitas as opções de entretenimento e lazer no parque.

Possui uma área de 1,4 milhão m², que fazia parte da sesmaria do capitão-povoador Mateus Leme. Foi transformado em parque em 1972, segundo o projeto do arquiteto Lubomir Ficinski.

O termo barigui tem origem indígena. Os índios locais deram esse nome ao rio que atravessa o parque e que pode ser traduzido como “rio do fruto espinhoso”, referindo-se às pinhas que caem dos muitos pinheiros do local.

O Parque Barigui possui equipamentos de ginástica, sede campestre, churrasqueiras, restaurante, canchas poliesportivas, quiosques, Museu do Automóvel, Estação Maria Fumaça, parque de exposições, parque de diversão, pista de bicross e aerodelismo. O Parque também abriga a sede da Secretaria Municipal do Meio Ambiente.

Muita área verde, com mata nativa, envolve um grande lago de 400 mil m², formado por uma represa. Esse ambiente propicia o desenvolvimento de uma fauna rica. A região de Curitiba possui cerca de 200 espécies de aves e é possível encontrar muitas delas no parque, como os pavós, uma ave grande de peito vermelho, e o papagaio-do-peito-roxo, ameaçado de extinção. Encontra-se, também, capivaras, socós, garças, gambás, tico-ticos, gansos, e muitos outros animais.

Também existe um heliporto no parque, onde se pode alugar um helicóptero e percorrer vários pontos turísticos de Curitiba.³⁶

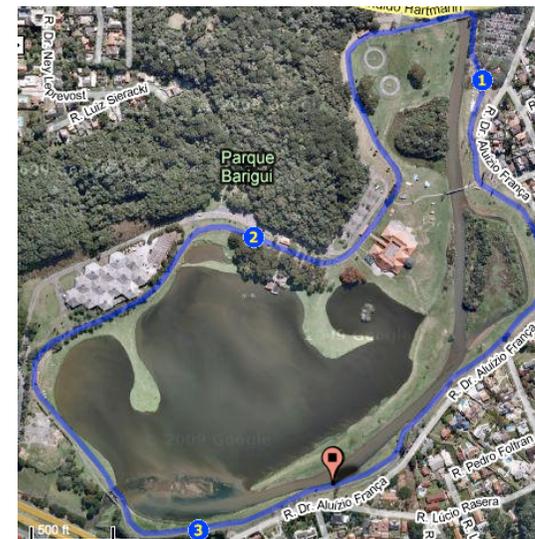


Figura 42. Vista superior do parque. Marcação do trajeto de caminhada e corrida.



Figura 43. Vista aérea do parque e do bairros Champagnat e Cascatina.



Figura 44. Ginástica no parque.



Figura 45. Espaço para o idoso. Os equipamentos são utilizados também por pessoas de todas as idades.



Figura 46. Os animais ficam soltos e convivem com os usuários do parque.

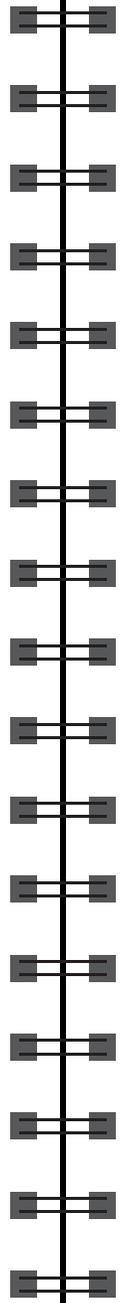


Figura 47. Interação arquitetura x natureza.



Figura 48. Jacaré de papo amarelo famoso no parque. Até hoje não foi registrada nenhuma ocorrência.

ARQUITETURA E FORMA:

Se for consultado algum dicionário, poderiam ser encontradas as seguintes definições para forma:

Estrutura, organização e disposição das partes ou elementos de um corpo ou objeto. Modo pelo qual uma determinada coisa em um dado contexto se revela à nossa percepção. São atributos de uma forma: sua configuração, seu tamanho, sua textura, sua cor e sua localização.

Porém, essa definição não é suficiente para explicar a complexidade que esse tema tem para os arquitetos.

Ao procurar definir a arquitetura, Le Corbusier argumentou que a geometria seria de fato a linguagem do arquiteto. Seja como instrumento de controle “neutro” e meio de representação ou como símbolo e modelo, como “filtro” da forma ou como forma ela mesma; para a arquitetura a geometria é uma condição necessária e essencial.³⁷

ARQUITETURA E SENSações:

Um exemplo para estes aspectos seria o arquiteto Sérgio Bernardes. Suas obras tinham como marca a experimentação quanto aos materiais e quanto às formas. Entretanto, a continuidade expressiva de seus projetos, marcada por propostas ousadas e inovadoras, fruto de uma constante experimentação, não pode ser analisada sem levar em conta os artifícios utilizados para provocar os sentidos dos usuários. Bernardes concebia o espaço arquitetônico acreditando que esse era uma realidade da experiência sensorial do homem. O observador tomava consciência deste ao se movimentar, utilizando principalmente o sentido da visão, mas também o tato e até mesmo a audição.

As cores, texturas, reflexos, luminosidade, a busca pela beleza e pela poesia caracterizaram uma produção sempre pontuada por surpresas visuais e espaciais. Estas, segundo o arquiteto, deveriam interagir com o usuário a partir das provocações geradas pelos jogos de luz e

sombra que davam forma e volume as suas obras.

Bernardes justificava essa variedade de soluções deixando claro que criava espaços para um cliente em especial. Este desempenhava o papel de coautor do projeto e tudo era elaborado não só para atender, mas para surpreender as expectativas do mesmo.³⁸

“Não sei se os outros aceitam, mas eu sou um compositor físico-espacial, só. Sou intérprete de um programa. (...) Não estou fazendo esta casa para mostrar a ninguém, mas sim para o proprietário. É um espaço para ele morar e eu sou o intérprete dele”.³⁹

Seus primeiros passos no campo da provocação sensorial podem ser observados de forma singela, e de certa maneira ligados às questões funcionais do projeto, na residência de Lota Macedo Soares, em Petrópolis (1951). A necessidade de criar cenários particulares para o complexo programa da vida da proprietária parece ter sido resolvida com ambiências distintas

em uma mesma casa. Se por um lado a vida pública ficou aberta para a ampla e exuberante paisagem, por outro, a área privativa da dona da casa foi implantada em um local bastante intimista, suspensa sobre um pequeno riacho na lateral do terreno, repleto de sons e luzes da natureza. Essa transição de cenário resguarda de certa forma a vida particular de uma mulher pública.⁴⁰



Figura 49. Mistura de texturas, jogo de sensações do arquiteto. O tijolinho aparente torna a casa mais aconchegante e ainda remete ao estilo rústico.



Figura 50. Varanda com cobertura metálica. Mistura de texturas e materiais no piso.



Figura 51. Interior em contato direto com o exterior. Transparência e liberdade.



Figura 52. Integração da construção com a natureza. Promove a privacidade em seu interior transparente.

MATERIAIS:

Pintura/Cores:

As cores são fundamentais na decoração, elas influem na personalidade das pessoas. Seja no trabalho, na escola, ou em tudo o que alguém faça, vive-se melhor quando rodeado por cores apropriadas às suas tarefas e para a sua vida.

A cor não tem existência material, é melhor defini-la como sensação que origina todas as manifestações perceptivas do mundo cromático. Variando a qualidade, a quantidade, a forma e o posicionamento das áreas coloridas em termos de organização e relatividade, uma determinada cor pode produzir a sensação de sua cor complementar em diversos graus de intensidade.⁴¹

Segundo Kepler:

“é certo que a dilatação dos objetos claros existe ou na retina, causada pela pintura, ou nos espíritos, causada pela impressão.”

Segundo estudos de Goethe, cada cor produz um efeito específico sobre o homem, revelando assim sua presença tanto na

retina como na alma. Logo, a cor pode ser usada para determinados fins sensíveis, morais e estéticos. “A beleza da cor é uma projeção da beleza interior do ser humano”, dizia Goethe.

A imagem a seguir é de um quarto da residência “Beach Walk”, dos SPG Arquitetos, em Fire Island, NY, EUA, o qual apresenta aspectos interessantes para o desenvolvimento dos quartos para pacientes internados no Espaço de Convívio em questão. O ambiente claro ganha vida com o uso de cores e utilização da madeira. A mistura de texturas torna o local aconchegante e dinâmico.



Figura 53. As cores e os materiais diversos tornam o ambiente mais descontraído e agradável.

Pesquisas utilizadas no livro “A Psicologia das cores” demonstram que as cores e sentimentos não se combinam ao acaso e nem são uma questão de gosto individual – são vivências comuns que, desde a infância, foram ficando profundamente enraizadas em nossa linguagem e em nosso pensamento.⁴²

COMO AGEM AS CORES?

O QUE É UM ACORDE CROMÁTICO?

Cada cor atua de modo diferente, dependendo da ocasião. Um acorde cromático é composto por cada uma das cores que esteja frequentemente associada a um determinado efeito. As mesmas cores se associam à atividade e à energia estão ligadas ao barulhento e ao animado.⁴³

Um acorde cromático não é uma combinação aleatória de cores, mas um efeito conjunto imutável. O acorde cromático determina o efeito da cor principal.

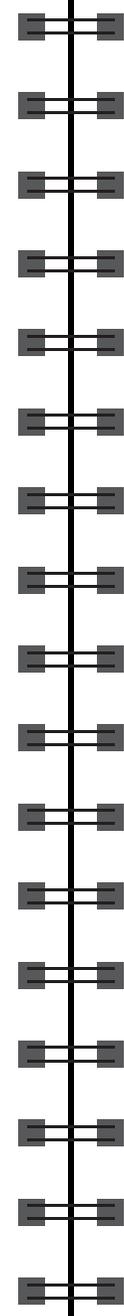
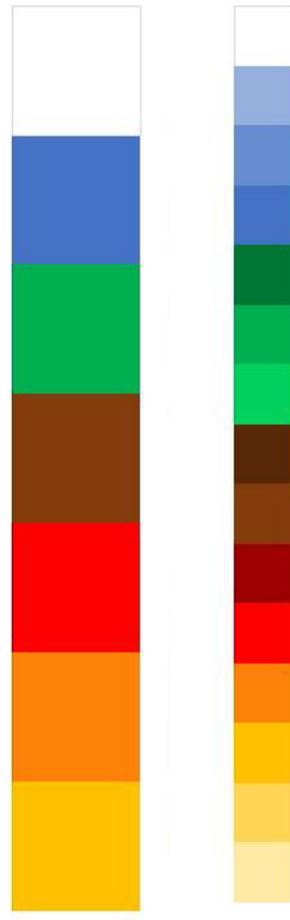
Não existe cor destituída de significado. A impressão causada por cada cor é determinada por seu contexto, ou seja, pelo entrelaçamento de significados em que a percebemos.

O que são as cores psicológicas?

A cor é mais que um fenômeno ótico, mais do que um instrumento técnico. Os teóricos diferenciam as cores primárias das secundárias e das mistas. Não há uma unanimidade a respeito de o preto e o branco serem cores verdadeiras; em geral, ignoram o ouro e o prata como cores. E todas são igualmente importantes.⁴⁴

Para trabalhar com impressões causadas pelas cores, as impressões psicológicas são essenciais.

A partir dessas leituras, foi pré-estabelecida a seguinte paleta cromática:



Estudo de paleta:

- Branco: cor do bem e dos espíritos.
 - o princípio e a ressurreição: o branco é o início. Associa-se com a luz.
 - branco-azul-dourado são as cores da verdade, da honestidade, do bem. O branco ao lado do dourado e do azul: um acorde mais ideal não se pode imaginar. O branco puro toma do ouro o material esplendor; o versátil azul se torna, ao lado do branco, a cor das virtudes espirituais;
 - com branco, tudo se torna positivo;
 - limpo e esterilizado.
- Azul: cor da simpatia, da harmonia e da fidelidade.
 - o azul é o céu – portanto azul é também a cor do divino, a cor eterna.
 - sendo uma cor passiva – e a mais plácida de todas as cores – o azul é a principal cor para embalagem de produtos pra dormir e tranquilizar.
 - o azul é a principal cor das virtudes intelectuais. Seu acorde típico é o azul e branco. Essas são as principais

cores da inteligência, da ciência, da concentração.

- Verde:
 - a cor da esperança, da natureza, cor da vida e da saúde.
 - o verde é mais do que uma cor, o verde é a quintessência da natureza. O verde é uma ideologia, um estilo de vida: consciência ambiental, amor à natureza, ao mesmo tempo a recusa a uma sociedade dominada pela tecnologia;
 - a cor que acalma. É a mais calmante dentre todas as cores, é a cor do sentimento de estar em segurança. Azul-verde é também o acorde da descontração.
- Marrom: cor do aconchego.
 - a sua naturalidade, a sua falta de artificialidade faz do marrom a cor do aconchegante. Sentimento de estar em segurança;
 - cor dos materiais rústicos, como a madeira, o couro e o algodão;
 - gera um clima espacial ideal – é uma cor cálida, sem ser quente;

- Vermelho: cor do amor ao ódio, da felicidade e do perigo.
 - é a cor de todas as paixões, as boas e as más. Por detrás do simbolismo está a experiência: o sangue se altera, sobe à cabeça e o rosto fica vermelho, de constrangimento ou por paixão, ou por ambas as coisas. Enrubescemos de vergonha, de irritação ou por excitação.
 - no acorde cromático vermelho-azul unem-se as forças do corpo e do espírito. Vermelho-azul-ouro é o acorde do charme, do poder de atração, da coragem, da conquista.
- Laranja: a cor da recreação e da sociabilidade.
 - cor da diversão, da sociabilidade e do lúdico, esse é o lado mais forte do laranja. Vermelho e amarelo sozinhos operam como opostos muito fortes para sinalizarem a sociabilização recreativa, mas o laranja vincula, harmoniza: sem laranja não há lazer.
 - o laranja é a cor complementar do azul. O azul é a cor do espiritual, da reflexão e do silêncio, o seu polo oposto, o

laranja, representa as qualidades opostas a essas.

- o laranja fica entre o vermelho e o amarelo em todos os sentimentos que se intensificam. A atividade pode ser amarela, quando for leve e pacífica, laranja, quando for frenética e, finalmente, vermelha, que é a atividade no mais alto grau de excitação.
- é a combinação de luz e calor. É agradável em termos de ambiente. Clareia e aquece, e essa é a mistura ideal para alegrar o corpo e a mente.
- Amarelo: otimismo, recreação e entendimento.
 - como a cor do sol, o amarelo age de modo alegre e revigorante. Os otimistas têm uma disposição ensolarada, o amarelo é sua cor. O amarelo irradia, ri, é a principal cor da disposição amistosa.
 - o amarelo chega como um raio. Por isso é a cor da espontaneidade, da impulsividade.

OBS.: todas as informações deste estudo foram retiradas do livro “A Psicologia das Cores”, de Eva Heller.

Madeira:

O tom marrom da madeira proporciona a sensação de que tudo é permanente, sólido e seguro. Estas características são provindas do próprio material, tendo em vista que, quando bem tratado, é duradouro e resistente. É a cor da estabilidade e, quando usada no seu estado natural como nos móveis, etc., transmite uma energia positiva. Sensações positivas: Estabilidade, autoafirmação, confiança interior. Sensações negativas: Melancolia, resistência a mudanças.⁴⁵

A madeira é vista por muitos profissionais como um dos mais belos e aconchegantes materiais utilizados na arquitetura de interiores para revestimentos de pisos, paredes e tetos. Ela provou ser notavelmente imune a mudanças de tendências, o que enfatiza uma das sensações negativas (de resistência a mudanças).

Quando utilizada em pisos, remete ao aconchego da morada; características importantes para o equilíbrio emocional dos usuários do local. A madeira é um material orgânico, caloroso, e sua utilização pode criar ambientes acolhedores, que

refletem o caráter de lar. Um espaço no qual predomina o uso do material em geral é convidativo à permanência. Um dos principais aspectos que contribuem para o seu uso constante em pisos é o conforto térmico que a madeira proporciona. O conforto dos pés está diretamente relacionado com o grau de elasticidade que um material de piso apresenta e, em menor grau, com o seu calor, o que confere à madeira uma condição de uso extremamente favorável.⁴⁶

Conforme Löbach (2001, p.60), “a função estética dos produtos é um aspecto psicológico da percepção sensorial durante o seu uso”. Essa função da madeira utilizada na arquitetura de interiores se estabelece nos processos sensoriais do usuário, promovendo uma sensação de bem-estar e contribuindo na sua identificação com o ambiente.

A madeira possui um apelo estético intenso para o usuário principalmente por lhe ser um material familiar. O uso sensorial de determinado objeto depende das experiências anteriores com as suas características estéticas e da percepção consciente das mesmas, tais como forma, cor e superfície.⁴⁷

Concreto:

O concreto remete à arquitetura de Brasília, ao modernismo de Niemeyer, faz parte da identidade visual da cidade. O uso deste material tem como base estes fundamentos citados, a integração do Espaço à cidade em que ele está inserido.

É um material da construção civil que se tornou um dos mais importantes do século XX. Sua presença no espaço urbano marca a contemporaneidade, permitindo que a população, por mais simples que possa ser sua formação, saiba apreciá-la e não passe indiferente à arquitetura.⁴⁸

A versatilidade de uso que nossa arquitetura criou e que o concreto possibilitou tem abrangido uma gama que em todos provoca admiração. Nenhum material de construção conseguiu tanta diversidade de aplicação. Ousadas estruturas. Lindas coberturas. Lajes ritmadas. Democráticos pisos de condomínios residenciais. Diversas paredes. Rico mobiliário.⁴⁹

O concreto com cor e a adoção do cimento, normal ou branco, na proporção precisa do pigmento colorido, criam obras de arte. Uma mão de obra treinada valoriza a extensa

relação de obras e expressa a excepcional capacidade de realização brasileira.⁵⁰

Tijolo:

O tijolo maciço de barro, além de seu charme e textura únicos, possui outras vantagens, como a resistência e durabilidade, além de conforto acústico. Tanto tijolos quanto o concreto aparente podem ser usados sozinhos ou agregados a outros materiais como madeira, vidro e tijolo, dando vida e estilo ao ambiente em que está inserido.

Mies van der Rohe projetou a “Casa Lemk”, em Berlim, Alemanha, 1933.

A casa projetada para Karl e Martha Lemke pode ser considerada uma ilustração da célebre frase de Mies van der Rohe: “(...) a arquitetura começa quando dois tijolos são cuidadosamente colocados juntos”. Isto se traduz de forma literal e volumétrica na casa Lemk, uma pequena e simples casa de tijolos em forma de “L”, composta por dois retângulos e situada em um terreno perto do lago Obersee, em Berlim. Esta casa, diferente de alguns outros projetos do arquiteto, volta suas aberturas para o jardim, interagindo mais com o interior do terreno.⁵¹



Figura 54. Casa Lemk. Aconchego resultante dos tijolos e da natureza ao seu redor.



Figura 55. Aberturas voltadas para o quintal.

DIRETRIZES PROJETAIS

Com base nos estudos de caso, levantamentos acerca do terreno, estudos sobre a dependência química e suas necessidades e referências arquitetônicas, foram elaboradas algumas diretrizes arquitetônicas iniciais.

EXISTÊNCIA DE PÁTIOS INTERNOS

Plantas lineares com corredores extensos podem resultar no isolamento das pessoas, indo contra o intuito principal do Espaço de Convívio, que seria promover maior interação entre os pacientes. Pátios internos geram circulações interligadas e pontos de encontros.

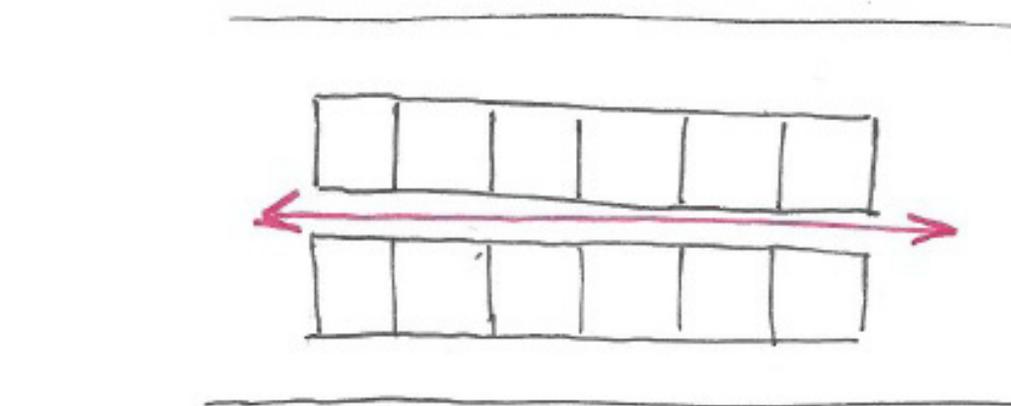


Figura 56. Planta baixa esquemática - Corredores extensos fadigam e geram isolamento.

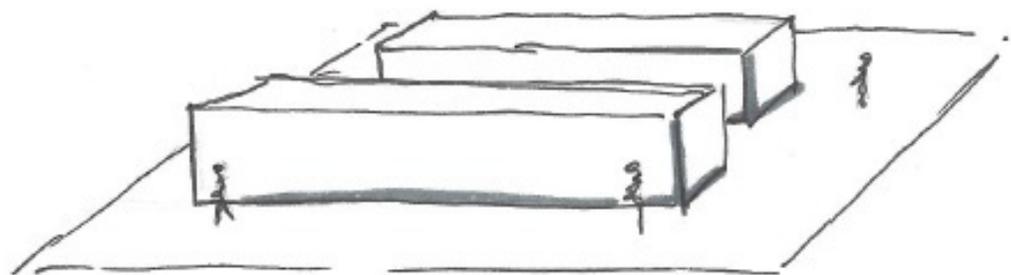


Figura 57. Perspectiva de pavilhões paralelos com corredores extensos. Pessoas isoladas.

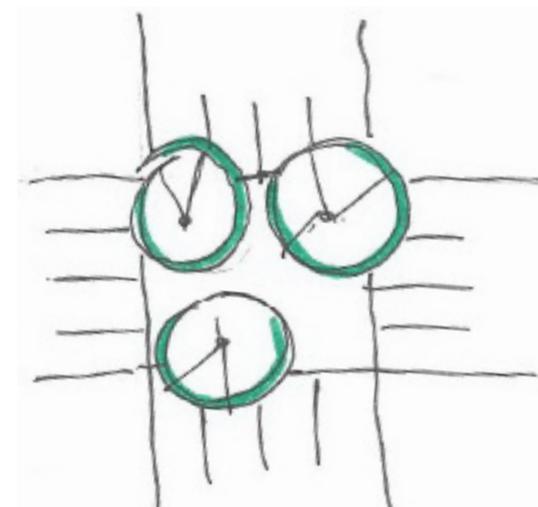


Figura 58. Planta baixa esquemática - quartos voltados para pátios internos. Solução promove convívio entre os pacientes.

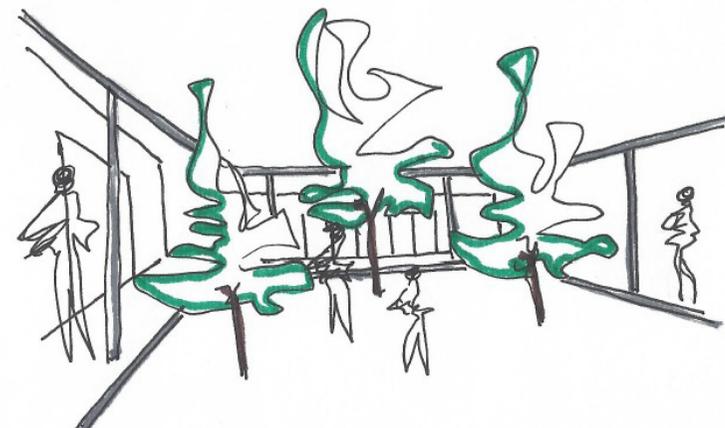


Figura 59. Perspectiva - pátio interno e interação entre as pessoas.

PRESERVAÇÃO DA ORLA DO LAGO

Permite a contemplação do Lago Paranoá, o tratamento da orla e a preservação da natureza.

INCENTIVO À ARTE

Os caminhos poderão ter esculturas nos jardins, não só embelezando os passeios como permitindo a interação dos pacientes com a arte.

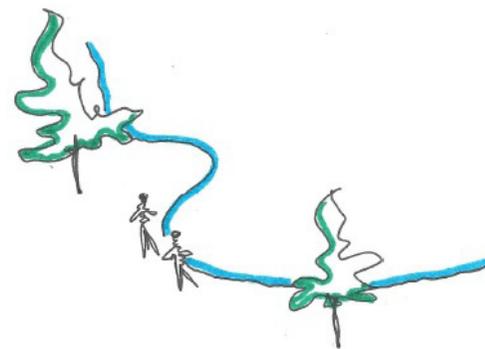


Figura 60. Orla do lago preservada. Local para reflexão e contato com a natureza.

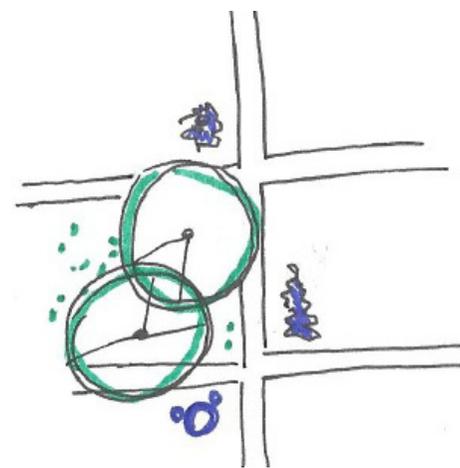


Figura 61. Planta baixa esquemática - esculturas no decorrer dos caminhos. Contato com a arte.

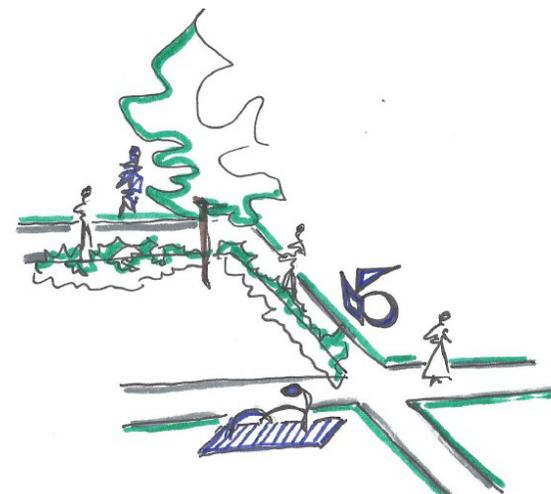


Figura 62. Perspectiva - contato com a natureza e com a arte.

MICROPLANO DIRETOR DE OCUPAÇÃO

- Efetivação do Parque Enseada Norte, a partir da poligonal do projeto MAPEAR;
- Preservação de 30 metros em toda a extensão da orla do Lago Paranoá. Será restrito qualquer tipo de construção nesta área, exceto pequenos decks de madeira;
- O sistema viário será delimitado de acordo com o projeto de Márcio Villas Boas para o Centro Olímpico da Universidade de Brasília. Esta delimitação ajudará a definir a área exata a ser trabalhada;
- Não será permitido o acesso de automóveis na região do parque;
- Cinturão verde separando a área de trabalho e o Setor de Mansões Isoladas, garantindo sua privacidade e segurança;
- Aproveitamento dos desníveis artificiais feitos durante a construção da Base Militar, criando belvederes visuais e platôs de diversão;

PROGRAMA DE NECESSIDADES

DEMANDA

Para garantir o auxílio do Fundo Nacional Antidrogas, segundo a Portaria nº 131 do Ministério da Saúde, o número máximo de residentes será de 30 pacientes, sendo 15 do sexo feminino e 15 do sexo masculino. Este número de residentes não limita a quantidade de pacientes a frequentarem o espaço, e sim aqueles que ali ficarão internados. O número de participantes das oficinas poderá variar de acordo com a necessidade de cada uma.

Para cada 15 pessoas, são necessários:

- 1 coordenador, profissional de saúde de nível universitário com pós-graduação lato sensu (no mínimo de 36 horas-aula) ou experiência comprovada de pelo menos 4 anos na área de cuidados com pessoas com necessidades de saúde decorrentes do uso de álcool, crack e/ou outras drogas;
- No mínimo 2 profissionais de saúde de nível médio, com experiência na área de cuidados com pessoas com necessidades de saúde decorrentes do uso de álcool, crack e/ou outras drogas;

RDC N° 29 – JUN/2011

Dispõe sobre os requisitos de segurança sanitária para o funcionamento de instituições que prestem serviços de atenção a pessoas com transtornos decorrentes do uso, abuso ou dependência de substâncias psicoativas.⁵²

Segundo o artigo 14 da RDC nº29, as instituições devem possuir os seguintes ambientes:

1. Alojamento

- Quarto coletivo com acomodações individuais e espaço para guarda de roupas e de pertences com dimensionamento compatível com o número de residentes e com área que permita livre circulação; e
 - Banheiro para residentes dotado de bacia, lavatório e chuveiro com dimensionamento compatível com o número de residentes;
- #### 2. Setor de reabilitação e convivência:
- Sala de atendimento individual;
 - Sala de atendimento coletivo;

- Área para realização de oficinas de trabalho;
 - Área para realização de atividades laborais; e
 - Área para prática de atividades desportivas;
- #### 3. Setor administrativo:
- Sala de acolhimento de residentes, familiares e visitantes;
 - Sala administrativa;
 - Área para arquivo das fichas dos residentes; e
- #### 4. Setor de apoio logístico:
- Cozinha coletiva;
 - Refeitório;
 - Lavanderia coletiva;
 - Almojarifado;
 - Área para depósito de material de limpeza; e
 - Área para abrigo de resíduos sólidos.

Os ambientes de reabilitação e convivência podem ser compartilhados para as diversas atividades e usos.

Deverão ser adotadas medidas que promovam a acessibilidade a portadores de necessidades especiais.

Segundo o artigo 15, todas as portas dos ambientes de uso dos residentes devem ser instaladas com travamento simples, sem o uso de trancas ou chaves.

PROGRAMA

Tendo em vista a demanda de pacientes e profissionais e as exigências constadas na RDC nº 29, foi desenvolvido o seguinte programa básico:

- Bloco principal (que abriga atividades tanto de saúde, quanto laborais e o espirituais)
 - Recepção com sala de espera e banheiro;
 - Administração;
 - Almojarifado;
 - Depósito;

- Cozinha privada;
- Despensa;
- Copa para funcionários;
- Lavanderia privada;
- Sala de segurança;
- Vestiários para funcionários (um feminino e um masculino);
- 4 banheiros coletivos (2 femininos e 2 masculinos);
- Consultório médico geral;
- Consultório de psiquiatria;
- Consultório de psicologia;
- Sala de acolhimento;
- Enfermaria com 10 leitos;
- 2 salões de multiuso;
- Piscina semiolímpica;
- Quadra poliesportiva;
- Espaço ecumênico;
- Estacionamento;
- Área de agricultura com pomar e horta;
- Depósito exclusivo para agricultura;

- Ala feminina (para até 16 pacientes):
 - 8 dormitórios duplos com banheiro;
 - 2 banheiros coletivos;
 - Sala de TV;
 - Sala de jogos;
 - Sala de leitura;
 - Salão de beleza;
 - Cozinha coletiva;
 - Refeitório;
 - Equipamentos de exercícios ao ar livre;
 - Lavanderia coletiva;
 - Depósito;
- Ala masculina (para até 16 pacientes):
 - 8 dormitórios duplos com banheiro;
 - 2 banheiros coletivos;
 - Sala de TV;
 - Sala de jogos;
 - Sala de leitura;
 - Cozinha coletiva;
 - Refeitório;

- Depósito;
- Equipamentos de exercícios ao ar livre;
- Lavanderia coletiva;

OBS.: Este programa poderá sofrer alterações.

FONTES

01 - disponível em: <<http://www.dependenciaquimica.inf.br/>> acesso em: 25 setembro 2013

02 - disponível em: <<http://www.dependenciaquimica.inf.br/>> acesso em: 25 setembro 2013

03 - disponível em: <<http://www.dependenciaquimica.inf.br/>> acesso em: 25 setembro 2013

04 - disponível em: <www.vidasemdrogas.org> acesso em: 25 setembro 2013

05 - rdi-ind 6620/2012 – câmara legislativa do distrito federal

06 - disponível em <<http://bryanlewisanders.org/>> acesso em 02 outubro 2013

07 - disponível em: <www.obid.senad.gov.br> acesso em 14 setembro 2013

08 - disponível em: <www.obid.senad.gov.br> acesso em 14 setembro 2013

09 - disponível em <<http://portal.mj.gov.br>> acesso em 15 setembro 2013

10 - disponível em <<http://www.obid.senad.gov.br/>> acesso em 15 setembro 2013

11 - disponível em <<http://www.obid.senad.gov.br/>> acesso em 15 setembro 2013

12 - disponível em: <<http://www.ilsl.br>> acesso em 25 setembro 2013

13 - disponível em: <<http://www.ilsl.br>> acesso em 25 setembro 2013)

14 - MESGRAVIS, 1976

15 - disponível em: <<http://www.ilsl.br>> acesso em 25 setembro 2013

16 - disponível em: <<http://www.ilsl.br>> acesso em 25 setembro 2013

17 - disponível em: <<http://www.ilsl.br>> acesso em 25 setembro 2013

18 - disponível em: <<http://www.esedh.pr.gov.br>> acesso em 25 setembro 2013

19 - LOBO, 2008, p.18

20 - LOBO, 2008, p.112

21 - FOUCAULT, 1978

22 - LOBO, 2008, p.252

23 - LOBO, 2008, p.252

24 - LOBO, 2008, p.254

25 - LOBO, 2008, p.288

26 - LOBO, 2008, p.289

27 - MINISTÉRIO DA JUSTIÇA, 2012, pág.112

28 - MINISTÉRIO DA JUSTIÇA, 2012

29 - disponível em: <www.campobaeza.com/> acesso em 23 setembro 2013

30 - disponível em: <<http://www.archdaily.com/>> acesso em 10 setembro 2013

31 - FURUYAMA, 2007, pág.7

32 - FURUYAMA, 2007, pág.13

33 - FURUYAMA, 2007

34 - FURUYAMA, 2007

35 - disponível em: <<http://www.archdaily.com.br/01-66564/em-construcao-hospital-infantil-de-zurique-herzog-de-meuron>> acesso em 03 outubro 2013

36 - disponível em: <<http://www.curitiba-parana.net/>> acesso em 13 novembro 2013

37 - disponível em: <<http://www.scribd.com>> acesso em 05 outubro 2013

38 - disponível em: <www.vitruvius.com.br> acesso em 05 outubro 2013

39 - BERNARDES, Sergio. "Entrevista". Pisos e Revestimentos, n. 2. São Paulo, Editora Boletim de Custos, 1989, semestral, p. 51.

40 - disponível em: <www.vitruvius.com.br> acesso em 05 outubro 2013

41 - PEDROSA, 1982, p.12

42 - Heller, 2000, pg.17

43 - Heller, 2000, pg.18

44 - Heller, 2000, pg.18

45 - PEDROSA, 1982)

46 - CHING, 2006

47 - LÖBACH, 2001

48 - disponível em: <http://www.ibracon.org.br/> acesso em 02 outubro 2013

49 - disponível em: <http://www.ibracon.org.br/> acesso em 02 outubro 2013

50 - disponível em: <http://www.ibracon.org.br/> acesso em 02 outubro 2013

51 - disponível em: <http://www.slideshare.net/p1_ufrgs_2012-1/casa-lemkemies-van-der-rohe> acesso em 05 outubro 2013

52 - Disponível em: <portal.anvisa.gov.br> Acesso em: 4 setembro 2013

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL, Ministério da Justiça. **Secretaria Nacional de Política sobre Drogas. Tratamento da dependência de crack, álcool e outras drogas: aperfeiçoamento para profissionais da saúde e assistência social.** Brasília: SENAD, 2012.

CHING, Francis D.K. **Arquitetura de Interiores Ilustrada.** Segunda edição. Tradução: Alexandre Ferreira da Silva Salvaterra. Porto Alegre: Bookman, 2006.

CHING, Francis D.K. **Arquitetura: forma, espaço e ordem.** São Paulo: Martins Fontes, 2002.

FERREIRA LOBO, Lilia. **Os infames da história: pobres, escravos e deficientes no Brasil.** Rio de Janeiro: Lamparina editora, 2009.

FURUYAMA, Masao. **Tadao Ando.** São Paulo: Martins Fontes, 1997.

HELLER, Eva. **A psicologia das cores: como as cores afetam a emoção e a razão.** 1ª edição, 2ª impressão. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2012.

IZÍDIO DA COSTA, Ileno. **Dimensões e desafios do enfrentamento do crack e outras drogas.** Brasília: Gráfica e Editora Kaco, 2012.

LÖBACH, Bernd. **Design industrial: bases para a configuração dos produtos industriais.** Tradução: Freddy Van Camp. Rio de Janeiro: Edgar Blücher Ltda, 2001.

PEDROSA, Israel. **Da cor à cor inexistente.** Edição especial co-editada pela FENAME – Ministério da Educação. Rio de Janeiro: Léo Cristiano Editorial Ltda., 1982.

< http://www.archdaily.com/> Acesso em: 10 de setembro de 2013

<http://arquitetandonanet.blogspot.com.br/> Acesso em: 05 de outubro de 2013

<http://bryanlewissaunders.org/> Acesso em: 02 de outubro de 2013

<www.campobaeza.com/> Acesso em: 23 de setembro de 2013

<http://www.curitiba-parana.net/> Acesso em: 13 de novembro de 2013

<http://www.dependenciaquimica.inf.br/> Acesso em: 25 de setembro de 2013

<http://www.esedh.pr.gov.br> Acesso em: 25 de setembro de 2013

<http://www.flickr.com/photos/pedrodiasbs/> Acesso em: 05 de outubro de 2013

<www.ibram.df.gov.br/> Acesso em: 27 de setembro de 2013

<http://www.ibracon.org.br/> Acesso em: 02 de outubro de 2013

<http://www.ilsl.br> Acesso em: 25 de setembro de 2013

<http://www.imago.ufpr.br> Acesso em: 13 de novembro de 2013

< http://www.lugaresesquecidos.com.br/> Acesso em: 10 de setembro de 2013

< http://maps.google.com.br/> Acesso em: 29 de setembro de 2013

<www.obid.senad.gov.br> Acesso em: 14 de setembro de 2013

<http://www.opengreenmap.org> Acesso em: 13 de novembro de 2013

<http://portal.mj.gov.br> Acesso em: 15 de setembro de 2013

<http://www.scribd.com> Acesso em: 05 de outubro de 2013

<http://silhuetaarquitetonica.wordpress.com/> Acesso em: 4 de setembro de 2013

<http://www.slideshare.net/p1_ufrgs_2012-1/casa-lemkemies-van-der-rohe> Acesso em: 05 de outubro de 2013

<<http://tecne.com/arquitectura/mies-van-der-rohe-casa-lemke/>> Acesso em: 05 de outubro de 2013

<www.vidasemdrogas.org> Acesso em: 25 de setembro de 2013

<www.vitruvius.com.br> Acesso em: 05 de outubro de 2013